

Antonio Chalbaud Biscaia. Notícia bio-bibliográfica.

Arthur Virmond de Lacerda Neto.

12.VI.2017

Em inícios de dezembro de 2014, publiquei o volume primeiro de *Juvenília de Antonio Chalbaud Biscaia*, florilégio da produção literária do próprio, em que lhe reuni os textos manuscritos e inéditos, e os publicados, que encontrara até então, cômico de que, virtualmente, deparar-se-me-ia mais juvenília, em publicações de época ou que algum dos filhos de Antonio Biscaia desencantasse, dentre os seus guardados.

Esperançava-me, notadamente, de aceder ao texto de *Odette*, a que me referi no prefácio do primeiro volume (página 12).

Recordava-me, também, da existência de texto em cujo título constava o substantivo pérola.

Para minha grande surpresa, e ainda maior de minha mãe (Josefina Maria Castellano Biscaia, filha de Antonio Chalbaud Biscaia) encontrou ela, em 22 de dezembro de 2014, em meio aos seus arquivos, o texto da opereta *Odette. (A pérola do Oriente)*, um conto, dois monólogos, poesias, cartas e bilhete, todos da autoria de Antonio Chalbaud Biscaia e inéditos.

Achados providenciais, deles fez-me presente no dia subsequente e são eles que reproduzo neste volume, em que repito o prefácio do anterior (com adições resultantes das novidades), a notícia biográfica de Antonio Chalbaud Biscaia (retificada na contagem, agora atualizada, da sua juvenília; reordenada com a inserção, no lugar próprio, das informações da página 549 do volume inicial; incrementada com breves considerações literárias e expurgada de lapsos de revisão, que falha eletrônica manteve na versão precedente), em cuja secção voltada à descrição paleográfica dos seus trabalhos inclui os recém-achados: *Poesias, Conto, Teatro e Apêndice*.

Semelhantemente ao tomo precedente, reproduzi, à letra, os originais, cujas ortografia e disposição mantive.

Acrescentei os meus achados recentíssimos, concernentes à família Chalbaud e (na nota de número 72) formulei conjecturas em torno do dissídio que sobreveio entre Antonio e o seu pai, em razão do matrimônio daquele, e que me foram suscitadas pelo avanço das minhas pesquisas genealógicas relativas aos Biscasias do Paraná.

Curitiba, primeiro de dezembro de 2015.

Prefácio dos dois volumes

Chama-se de juvenília a produção literária juvenil de um autor, intelectual ou ficcional. A juvenília de Antonio Chalbaud Biscaia corresponde aos seus textos de mocidade, inéditos e publicados, originais e traduções, contos, novela, editoriais e artigos, que redigiu entre 1921 e 1941, dos seus 12 aos seus 32 anos de idade, máxime até 1932, quando contava 23 anos de vida, altura a partir da qual a sua produção rarifica-se, o que coincide com o seu ingresso na vida profissional.

Coligi, pela ordem, no volume primeiro, *Contos, Composições, Confidencias, Mãe!*, uma novela manuscrita de 1931, *Ter uma bôa noiva... sem o saber!*, a sua colaboração na revista *Ave Maria*, e *Balsamo eficaz*, dos quais o antepenúltimo e o derradeiro em forma fac-similar e os mais com reprodução literal, inclusivamente na ortografia (que não modernizei) e com a manutenção de seus vários *lapsi calami* (de que identifiquei alguns em notas): transcrevi os originais à letra, manuscritos, datilografados ou publicados. Mantive-lhes a diagramação, heterogênea e freqüentemente irregular.

Neste volume reúno, por seqüência cronológica, onze poesias, o conto *A perola do Oriente*, os monólogos *O almofadinha* e *Um "Don Juan" desventurado*, a opereta *Odette*; duas cartas e um bilhete. Em relação aos dezoito textos, mantive o critério do primeiro tomo: transcrever os originais literalmente e mimetizar-lhes a diagramação.

Antonio Chalbaud Biscaia precocemente iniciou-se nas letras, com a redação, aos seus 12 anos de idade (1921), de quatro contos manuscritos; seguiram-se-lhes, em 1924, quatro composições escolares.

Em 1925 redigiu três poesias; outras quatro no ano seguinte (das quais duas, *Cinzas...* e *Saudades*, como parte da sua novela *Confidencias...*¹). Em 1927 produziu mais cinco.

Ainda em 1925, produziu um conto, *A perola do Oriente*; em 1926 e 1927 redigiu, respectivamente, os monólogos *O almofadinha* e *Um "Don Juan" desventurado*; em 1928 redatou a opereta *Odette*.

Em 1931 redigiu novela dotada de, aparentemente, algum conteúdo autobiográfico e destituída de título. Presumivelmente nos anos 20 ou 30, principiou o esboço, inacabado e indatado, do que seria conto, novela ou romance, intitulado *Mãe!*.

A sua colaboração na revista *Ave Maria* principiou, talvez, em 1922, com um texto; prosseguiu, também talvez, com dois, em 1927. De 1928 por diante, a sua participação nela é certa, atestada pela presença do seu nome, por extenso, como tradutor ou autor, em dez textos, em 1928; em cinco, em 1929; em seis, em 1930; em quinze, em 1931; em cinco, em 1932. É duvidosa a sua autoria ou a da tradução de um conto, de 1931.

Para lá dos cinco textos de 1932, ao longo daquele ano publicou, em vinte e cinco fragmentos, o pequeno romance *Ter uma bôa noiva... sem o saber!*, também na revista *Ave Maria*, em que prosseguiu a sua colaboração, com um texto em 1933, um em 1936 e um em 1938; com dois em 1940 e com o derradeiro de todos em 1941.

Desta arte, na revista *Ave Maria* publicou, indubitavelmente, quarenta e oito textos (computado, como único, o de *Ter uma bôa noiva... sem o saber!*) e, duvidosamente, outros quatro².

Em 1926, redatou uma novela realista, *Confidencias...* Produziu um drama, *O milagre da Santíssima Virgem*, que se encenou em 20 de janeiro de 1927, na Congregação Mariana do Bom Jesus, em Curitiba (em homenagem ao seu arcebispo,

¹ Em cujo entrecho ambas constam no volume primeiro, nas suas páginas 115 e 119. Neste volume reproduzo *Cinzas...*, a partir da folha solta que lhe contém o manuscrito, porém não *Saudades*, que figura apenas no texto de *Confidencias...*; transcrevi, também, as outras duas poesias de 1926.

² Quatro e não três, como asseri no volume anterior (páginas 12 e 43).

João Francisco Braga) e cujo texto, aparentemente, perdeu-se. Em 1928, redigiu o semanário manuscrito *A Flammula*, pequena revista dos jovens católicos do Paraná.

Em 1934, traduziu o *Catecismo Explicado*, de Antonio Maria Claret e, dois anos após, o *Balsamo eficaz para curar as feridas da castidade*, do mesmo autor e ambos do espanhol.

No todo, produziu (que averigüei) setenta e cinco ou setenta e nove textos³: 5 contos, 4 composições escolares, 3 novelas, um texto inacabado, 2 monólogos, uma opereta, um drama, 11 poesias, 2 traduções de livros, 26 traduções de contos, 2 traduções de artigos, 4 artigos, 7 contos, 6 editoriais.⁴

Tal contagem soma quantidades aquém da vera, porquanto Antonio Biscaia colaborou com a revista *A Flammula*, de que nenhum exemplar encontrei; no que entende com ela foi-me, por isto, inexeqüível computar-lhe as produções e transcrevê-las.

Em princípio, mais não produziu, literariamente. Haver-lhe-ão falecido vagares em que se dedicasse à imaginação, em meio à sua vida profissional, sempre azafamada e, porventura, oberada, como promotor e, especialmente, como homem público. Talvez lhe haja escasseado estímulo que o levasse a persistir como autor e é pena que tão cedo dirimisse a sua carreira da arte. Mal desabrochou, logo feneceu; florescesse em força e teria acrescentado mais cor e perfume às belas-letas.

Em alguma medida, desenvolveu estilo próprio, reconhecível na novela inacabada de 1931 e no libreto da opereta *Odette (A Perola do Oriente)*: percebe-se coincidência de tom com que certos personagens tratam-se.

É notável a importância de Francisca Odette Castellano, sua namorada e noiva, ao tempo em que produziu a sua juvenília (e a quem desposou, em 1931): no conto *A pérola do Oriente*, o herói deseja matrimoniar-se com a personagem Odette, o que se realiza; na opereta *Odette (A Perola do Oriente)*, a heroína chama-se de Odette e o protagonista aspira a desposá-la, o que ocorre; na novela de 1931, o herói almeja consorciar-se com Odette, o que se verifica.

Nos três casos, coincidem o nome da personagem e o desfecho (casamento do herói com Odette).

Com a novela *Confidencias...* (de 1926) almejou homenagear uma pessoa que ocupa em meu coração um lugar de destaque e cuja imagem está constantemente em meu pensamento⁵, disse, acerca de Odette, a quem qualificou de *anjo tutelar dos meus passos*⁶.

[...] *para mim, não existe outro nome que faça vibrar com tanta emoção, com tanto fogo e ardor as cordas do meu coração!*, exclamou no prefácio de *Odette*, em 1928.

Em 1931, dedicou a Odette a novela que então manuscreeu, como *fruto do trabalho [...] de quem quer a todo transe mostrar-te o quanto é profundo o amor que te*

³ A dúvida deve-se aos quatro textos incertos (um na sua autoria e três na sua tradução), publicados na revista *Ave Maria* e que reproduzi no primeiro volume, com a ressalva da incerteza. Graças ao achamento do original de *Odette*, dirimi a outra incerteza, relativa à identidade possível entre o seu texto e o da novela manuscrita de 1931: trata-se de produções distintas. Vide a nota 4 do primeiro volume.

⁴ Poderia adicionar uma unidade, se contasse os versos intitulados *Saudade* à parte (página 119 do vol. I, no texto de *Confidencias...*). Não os computei autonomamente, porém fi-lo em relação a *Cinzas*, que também se integra em *Confidencias...* (página 115 do vol. I) pois o seu texto acha-se reproduzido em folha própria, com ilustração, dedicatória, data, autógrafo e nota. Computei a tradução de *Catecismo Explicado* e o drama *O milagre da Santíssima Virgem* (que, ambos, não encontrei).

⁵ Página 99 do primeiro volume.

⁶ Página 100 do primeiro volume.

dedica [...]. Ali romanceou o antagonismo que o opôs ao seu pai (João dos Santos Biscaia, o moço) devido à resistência deste ao seu pretendido casamento.

Ambas suas *Rimas soltas* correspondem a acróstico do nome Odette Castellano, como ainda o poema *Recordação de maio*; outro acróstico homenageia-a no seu título: *Odette, minha meiga bem amada*.

A folha corrida de Antonio, datilografada (por ele ou por outrem) e emendada à mão, por si próprio, menciona a sua produção publicada: as traduções de *Balsamo eficaz* e de *Catecismo Explicado*, o romance histórico *Ter uma bôa noiva... sem o saber!* e a sua colaboração nas revistas *A Flammula* e *Ave Maria*. Também cita o drama *O milagre da Santíssima Virgem*, representado e, aparentemente, inédito.

Contudo, ele também redatara onze poesias, uma opereta, dois monólogos, duas novelas (para lá dos oito textos adolescentes, únicos que seria compreensível omitir em uma súmula curricular).

Cuida-se, aqui, de recolha de produção literária que andava inédita (em parte) e esparsa há décadas, toda ela deslembada, e que merecia coleção, publicação e rememoração, dado o seu valor:

1) literário, como criação, no que produziu de raiz; como tradução, no que trouxe para o Português e como testemunho do estado do idioma em que executou as criações e as traduções. Juvenília como arte.

2) antropológico, por exprimir, em parte, o modelo mental, os valores, os sentimentos, as reações do seu autor e, em alguma medida, os do ambiente em que se achava integrado. Juvenília como documento humano, da sensibilidade do autor e da mentalidade da época.

3) biográfico, por pertencer à vida de homem público cujo lado literário achava-se inteiramente olvidado. Juvenília como legado.

Após a juvenília inseri, no primeiro volume, no capítulo intitulado *Frederico Chalbaud y Pelletan*, os achados relativos ao próprio e à família Chalbaud, posteriores à publicação (em 2001) do meu *Memória de Família* (genealogia da família Chalbaud do Brasil e da Argentina). Frederico era avô materno de Antonio.⁷

Pertence-me a autoria das notas dos dois volumes.

Curitiba, 4 de maio de 2015.

⁷ Antonio Chalbaud Biscaia era meu avô materno, por sua filha Josefina Maria Castellano Biscaia.

*Notícia biográfica.*⁸

Antonio Chalbaud Biscaia nasceu em Curitiba, aos 12 de junho de 1909, na rua Doutor Pedrosa, na casa de então número 173, atual 203, na véspera do dia de Santo Antonio de Lisboa. Era filho de João dos Santos Biscaia, o moço, (pertencente a estirpe antiga em Curitiba⁹) e de Josefina Maria de Ascensão de la Escosura y Chalbaud (filha de espanhóis¹⁰).

Os seus genitores tencionavam denominá-lo de João (homônimo dos seus genitor, avô e bisavô¹¹); porque, todavia, no decurso do parto de que lhe resultou o nascimento, se deslocasse defronte da sua casa natal uma procissão invocadora daquele santo, eles tornaram-no homônimo dele.

Tirou o curso primário no Colégio Júlio Teodorico¹² e no Colégio Iguaçú; o secundário, no Ginásio Paranaense (todos em Curitiba), em que ingressou em 1921 e cujo curso regular frequentou até o quarto ano, inclusivamente, ao passo que o restante cursou pelo regime de exames avulsos.¹³ Em 1920, Antonio Chalbaud Biscaia e o seu germano João lograram aprovação no Colégio Júlio Teodorico, ambos com distinção. João, na segunda série, como aluno de Sílvia Machado; Antonio, na terceira ou quarta

⁸ Notícia biográfica e não biografia, que esta demandaria anos de investigação e seria enormemente dificultada, senão mesmo impossibilitada, pela incineração do pletórico arquivo de Antonio Chalbaud Biscaia, cuja consulta (se eles ainda existissem) facilitaria consideravelmente a sua produção. Limite-me, aqui, a sumariar-lhe a carreira pública, com muitas lacunas, cujo preenchimento demandar-me-ia mais tempo de investigação e desviar-me-ia do meu escopo de reaver-lhe a produção literária. O arquivo de Antonio Biscaia compunha-se de cerca de oitenta mil folhas, organizadas meticulosamente, em dezenas de pastas que, por décadas, ele conservou na sua residência, na rua Lamenha Lins (Curitiba), em duas prateleiras de um armário envidraçado e que lhe documentavam a carreira pública. Cerca de 2010, um indivíduo separou cinco amostras do documentário (de que atribuiu uma a cada um dos seus irmãos e outra guardou para si) e o mais, tudo o mais, queimou. Perdeu-se, assim, material vastíssimo, que permitiria acompanhar, passo a passo, ano a ano, ao longo de décadas, a atuação de Antonio Biscaia como Procurador do Estado, como Secretário de Estado, como Deputado Federal e não só. Pelos inúmeros pareceres incinerados perceber-se-ia o entendimento dele acerca das questões públicas a cujo respeito manifestou-se; por eles revelava-se o homem público na sua atuação concreta. Nada justifica a destruição do seu arquivo, atentado de lesa-cultura, monstruosidade que privou os seus descendentes e pesquisadores do acesso a fontes insubstituíveis e preciosas. Uma biografia, em regra, de Antonio Chalbaud Biscaia, ao menos como homem público, seria obra de fácil execução e de copiosos resultados, mercê da consulta aos seus arquivos, cuja cremação transformou-a, de empresa exequível, em tendencialmente impossível. O hipotético pesquisador contaria com a facilidade da consulta a material imenso, organizado, completo e reunido; sem os arquivos, terá de esquadriñar secretarias, arquivos, repartições, em demanda por documentos cujos originais ou cópias talvez existam e cuja consulta submetê-lo-á aos trabalhos e aos azares das pesquisas documentais. Fora eu o responsável pelo arquivo, nunca, jamais, perpetraria a barbaridade odiosa da sua destruição; ao contrário, conservá-lo-ia cuidadosamente. Segundo Geraldo Castellano Biscaia (filho de Antonio), o documentário servia, apenas, para se observar o estilo de Antonio Biscaia. Não foi, contudo, ele o autor desta insanidade.

⁹ Descendia de Baltazar Carrasco dos Reis e de Luis de Siqueira, ambos presentes em Curitiba anteriormente ao levantamento do pelourinho nela, em 1668. Pelo costado de Biscaia, era pentaneto de José de Monatega, natural de Bilbao, que em 1723 desembarcou em Paranaguá e cujo neto modificou o seu nome, de José Antonio Rodrigues para José Rodrigues Biscaia, com o que iniciou a família paranaense deste nome em 1790 ou 1791. Antonio Biscaia descendia de Pedro Alvares Moreira Cabral (da família de Pedro Alvares Cabral) e, por ele, do papa Paulo III e (sete vezes) de Mafamede (vulgo Maomé); também descendia de gente obscura e pobre, como de gente abastada e notável, de Curitiba de antanho. São novidades que divulgarei no meu próximo *Biscaias do Paraná*.

¹⁰ Para a prosápia de Josefina, vide o meu *Memória de Família* (Curitiba, 2001). Nele expus a ascendência e a descendência, no Brasil e na Argentina, de Frederico Chalbaud y Pelletan e Maria del Carmen de la Escosura y Alonso, pais dela. Pronuncia-se “chalbô”; alguns, erradamente, proferem “chalbou”.

¹¹ O seu genitor chamava-se João dos Santos Biscaia (o moço); o seu avô, João dos Santos Biscaia (o velho); o seu bisavô (pai de sua avó Maria José Ribeiro Biscaia, mulher de João dos Santos Biscaia, o velho) chamava-se João Ribeiro Baptista.

¹² No colégio do professor Júlio Teodorico Guimarães foi-lhe professora Sílvia Machado Teixeira, que morreu celibatária com 94 anos de idade. Era irmã de Alice Machado Costa (Tudinha de alcunha), mulher, por sua vez, de Manoel Costa, irmão de Eleonora da Costa Biscaia (Nôra de alcunha), mulher de João Chalbaud Biscaia, irmão de Antonio Chalbaud Biscaia. A professora Sílvia foi-o, também, de João Chalbaud Biscaia, em cuja residência conheci-a, cerca de 1983, na presença dos irmãos Antonio e João e da mulher deste, Eleonora, que em 16.I.1994 transmitiu-me tais informações.

Há uma fotografia em que figuram sessenta e cinco crianças, entre meninos e meninas, ladeados por duas senhoras jovens. Certamente tratava-se de turma escolar, possivelmente do colégio de Júlio Teodorico, dado nela figurarem os irmãos Antonio e João; visto haverem sido ambos alunos de Sílvia Teixeira, a ela corresponde, talvez, uma das mulheres.

¹³ Assim consta em uma súmula biográfica de Antonio Chalbaud Biscaia, de cinco folhas datilografadas, anônima, com emendas, à mão, do próprio. O Colégio Iguaçú era dirigido pelo professor Alfredo Parodi.

série, aluno de Hercílio Guimarães e ou de Heitor Borges de Macedo.¹⁴ No ano imediato, Antonio foi aprovado simplesmente, nos exames de geografia e de matemática, do primeiro ano do Ginásio Paranaense.¹⁵ Ainda em 1921 (aos 29 de agosto) João dos Santos Biscaia, o moço, os seus filhos Antonio Chalbaud Biscaia e João Chalbaud Biscaia; Júlio Militão Biscaia (irmão de João dos Santos Biscaia, o moço), os seus filhos João Fernandes Biscaia, Júlio José Fernandes Biscaia, José Júlio Fernandes Biscaia, César Fernandes Biscaia compareceram, com dezenas de outras pessoas, aos funerais do professor Francisco Guimarães.¹⁶

Em 1923 estudava, ainda, no Ginásio Paranaense e, em 1924, cursava o Colégio Iguazu¹⁷. Em 1929, obteve grau 5 no exame de História do Brasil.¹⁸

No Ginásio Paranaense ensinava-se com seriedade e com reprovações: em 1924 Antonio Chalbaud Biscaia sofreu reprovação, no terceiro ano, em geometria e álgebra, juntamente com mais de dez condiscípulos.¹⁹

Em 1928, redigiu a revista *A Flammula*, pequeno semanário dos jovens católicos do Paraná. No mesmo ano, a União dos Moços Católicos, por meio do seu grêmio recreativo, em comemoração do cinquentenário da abolição da escravidão no Brasil, efetuou festival cívico e literário, no teatro do Colégio Bom Jesus (em Curitiba), no dia 13 de maio, às 20:00 h. Na programação do evento, previa-se alocução de Newton Ferreira da Luz²⁰, seguida de dicção de poesias por Antonio Chalbaud Biscaia, Thessália Karan, Felício Vieira (congregado mariano da catedral de Curitiba), Waldemar Monastier (pediatra dos filhos de Antonio Chalbaud Biscaia), Alberto da Silva Martins, Antonio Karam, Odilon Carvalho, Alice Karam e Miguel Karam. Por fim, apresentar-se-ia a peça teatral *Almoço a ponta-pés*, representada por Waldemar Monastier e Alberto da Silva Martins²¹.

Em Curitiba circulava *A Cruzada*, revista mensal da mocidade católica paranaense, destinada a disseminar a cosmovisão do catolicismo, cujo número inaugural data de março de 1926 e que se converteu em gazeta semanária em abril de 1931.

Nos seus primeiros números, há artigos doutrinários assinados por A. B., iniciais que talvez correspondam aos nomes Antonio [Chalbaud] Biscaia ou Ascânio [da Cunha] Brandão, dúvida idêntica à que suscita esta mesma sigla na revista *Ave Maria*.

Aparentemente, o único integrante da juventude católica militante, em Curitiba, de iniciais A. B., era Antonio Biscaia, cuja ligação à igreja católica era patente e notória. Em princípio, motivo algum haveria porque ele dissimulasse a sua participação em *A Cruzada* mercê da criptografiação do seu nome, que figura, por extenso, nos seus artigos e traduções, na revista *Ave Maria*. Seria expectável que procedesse de igual forma em *A*

¹⁴ *A Republica*, de 9 de dezembro de 1920.

¹⁵ *A Republica*, de 9 de dezembro de 1921.

¹⁶ *A Republica*, de 29 de agosto de 1921.

¹⁷ Averigüei estudar no Colégio Iguazu, em 1924, pela datação do que aqui nomeio de *Composições*.

¹⁸ *A Republica*, de 17 de janeiro de 1929, sem identificação da escola. Foi aluno de História, quase certamente, do célebre Dario Velloso.

¹⁹ Segundo artigo de Aramis Millarch, publicado no Estado do Paraná, de 17 de maio de 1980. A gazeta *Correio do Paraná* divulgava os resultados dos exames dos cursos ginasiais e da Universidade do Paraná, com nomes e notas.

²⁰ Na fonte (*Gazeta do Povo*, de 12 de maio de 1991), consta o nome Newton Ferreira da Luz. Existiu, também, Newton Ferreira da Costa, membro do grupo teatral a que pertencia Antonio Chalbaud Biscaia, composto por fiéis da igreja do Bom Jesus, em Curitiba, pelo que haverá engano, da notícia, em relação ao segundo sobrenome: da Costa, ao invés de da Luz.

²¹ *Gazeta do Povo*, de 12 de maio de 1991, que reproduz notícia de 12 de maio de 1928.

Cruzada, ou seja, que nela assinasse Antonio Chalbaud Biscaia ao invés de limitar-se a duas iniciais.

Na folha corrida de Antonio Chalbaud Biscaia, texto datilografado cujo original ele conservava consigo, nada consta como participação sua em *A Cruzada*, embora constasse-lhe a colaboração na revista *Ave Maria*. Os artigos devidos a A.B. excedem o número de vinte e dois (contei-os de 1926 a 1930), quantidade em face da qual seria inverossímil que ele se transcurasse da autoria deles, se lhes fora, realmente, o autor, e deixasse de se lhes referir na sua folha corrida.

São motivos porque concluo que tais artigos devem-se a outrem, que não a Antonio Chalbaud Biscaia, que, por outro lado, figura em *A Cruzada* nove vezes:

1^a- no número de janeiro de 1927, com fotografia, em que se noticia a representação, em 20 de janeiro, do drama intitulado *O milagre da Santíssima Virgem* da sua autoria, no teatro da congregação mariana da paróquia do Bom Jesus (Curitiba), em homenagem ao arcebispo metropolitano João Francisco Braga. Osvaldo Monastier produziu os cenários. Encenaram-se, também, outras peças.

2^a- no número de junho de 1927 noticia-se a primeira páscoa dos intelectuais paranaenses, realizada por iniciativa do Grêmio Literário de S. Luis (secção da Congregação Mariana dos Jovens da Catedral, de Curitiba) em 13 de maio, dia em que, às oito horas da manhã, o padre Luis Gonzaga Miele celebrou missa na catedral, do que os presentes assinaram ata, a que seguiu-se café servido na sede do Grêmio. Participaram Liguarú Espírito Santo, Antonio de Paula, o padre Luis Gonzaga Miele, Waldomiro Teixeira de Freitas, Alcides Pereira Júnior, Orlando Sprenger Lobo, João Camargo, Rosário Farani Mansur Guérios, Ildefonso Clemente Puppi, Ernâni Almeida de Abreu, Antonio Chalbaud Biscaia, Angelo Antonio Dallegrove, José Farani Mansur Guérios, grupo do qual a revista publicou fotografia.

O Grêmio Literário S. Luis foi fundado em 1924 para unir os católicos leigos e divulgar os dogmas da igreja católica, mercê do incremento, entre os jovens, do amor aos estudos e às letras.

3^a- no número conjunto de abril e maio de 1928, em que se transmitem informações acerca da União de Moços Católicos de Curitiba: foi fundada em 6 de agosto de 1926 por um grupo de moços e por iniciativa do arcebispo local, no escopo de reunir a mocidade católica, orientá-la conforme os princípios do catolicismo, propagar a religião católica e defendê-la em todas as oportunidades, bem assim atuar em auxílio de todas as obras católicas e sociais.

Juntamente com o Grêmio Literário S. Luiz, a revista *A Cruzada*, as gazetas *O Cruzeiro*, *O Luzeiro*, *O Alvor*, *O Ideal*, a *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes* e o Círculo de Estudos Bandeirantes, todos sediados em Curitiba, a União integrava a Ação Católica, movimento ultramontano da igreja católica, ou seja, a sua reação conservadora e anti-moderna de difusão do catolicismo, de combate ao laicismo (mercê do esforço por entranhar-se a religião católica nos costumes e na vida pública) e ao individualismo (mediante a submissão da razão individual à hierarquia da igreja), que se desenvolveu do pontificado de Pio VII ao de Pio XII, ou seja, de 1800 a 1958, lapso durante o qual a igreja esforçou-se por recobrar preponderância na moral, nos costumes e na vida pública, vale dizer, por moldar as consciências e os comportamentos privados e públicos segundo

a sua doutrina, com antagonismo à modernidade, caracterizada, por sua vez, pela liberdade de consciência, pela secularização dos costumes e da vida política, pelo advento de doutrinas destituídas de sobrenatural (a exemplo do Positivismo e do marxismo), em suma, pela secularização da sociedade.

A Ação Católica expressiu-se, em Curitiba, pela criação daqueles sodalícios e periódicos, como seus agentes, que nesta cidade se destinaram, também, a contrariar o anti-clericalismo assaz atuante nos meios intelectuais e literários de Curitiba, em que se sobressaíram, dentre outros, Júlio Pernetta (positivista), Rocha Pombo, Dario Vellozo, Silveira Netto, Emiliano Pernetta e Euclides Bandeira.²²

A atividade da União de Moços Católicos de Curitiba foi incrementada sob a presidência de Elias Karam, que a assumiu em 1927, ano em que, na efeméride de 15 de novembro, os seus integrantes, incorporados, dirigiram-se à penitenciária estadual, onde houve missa, em que comungaram os seus integrantes e os presos, a quem aqueles distribuíram doces, cigarros, revistas e gazetas, e mantiveram palestras. De noite, os partícipes da União ofereceram festival cívico-literário, no teatro do Colégio Bom Jesus, às famílias dos associados dela.

Logo após, a União fundou a Legião de S. Luis, no Asilo de S. Luis, destinada a preparar os asilados à vida associativa.

A União fez celebrar exéquias solenes pelas mortes ocorridas no naufrágio do navio italiano “Princesa Mafalda”, que soçobrou na costa da Bahia, em 24 de outubro de 1927; também promoveu missa pelos mortos no desastre do Teatro Palácio e outro, pelas vítimas do aluimento (em 10 de março de 1928) da colina Monte Serrat, na cidade de Santos (São Paulo).

Por duas vezes, a União remeteu selos usados, nacionais e metecos, ao centro da Boa Imprensa, no Rio de Janeiro, para serem revertidos em prol das missões católicas.

Em 1928, pelo seu Grupo Dramático Santo Antonio, comemorou as datas de 21 de abril e de 13 de maio em festivais cívico-literários, bem assim a de 3 de maio (que passava, então, por ser a do descobrimento do Brasil). Para a sua biblioteca recebeu, em maio e junho de 1928, ofertas de livros de Antonio Chalbaud Biscaia, Isis de Macedo Costa, Elias Karam, Weladimir (*sic*) Corrêa, Rosário Farani Mansur Guérios, Miguel Karam, Angelo Dallegrave, Newton Ferreira da Costa, Tobias de Macedo Júnior, Alberto Martins, Jaime Pericás Duran, Liguarú Espírito Santo, Felício Vieira, Antonio Mazarotto, Aloísio Domanski e Frederico Carlos Allende.

Em maio de 1928, a diretoria da União compunha-se de Elias Karam (presidente), Ildfonso Clemente Puppi (vice-presidente), Antonio Chalbaud Biscaia (primeiro secretário), Angelo Antonio Dallegrave (segundo secretário), Jaime Pericás Duran (tesoureiro), Weladimir Corrêa (bibliotecário), Alberto da Silva Martins (diretor cênico) e Newton Ferreira da Costa (diretor esportivo).

4^a- novamente no número conjunto de abril e maio de 1928, consta notícia relativa à *A Flammula*, gazeta quinzenária (homônima de revista literária, cujo número primeiro data de maio de 1922): por diversos motivos, os seus diretores resolveram suspender-lhe

²² Vide *Letras e Política no Paraná*, de Maria Tarcisa Silva Bega, Editora UFPR, 2013, e *Intelectuais e Igreja Católica no Paraná: 1926 – 1938*, de Névio de Campos, Editora UEPG, 2010.

a publicação e confiar o saldo das assinaturas (noventa e cinco mil e duzentos réis) à gerência de *A Cruzada*, que, por sua vez, obrigou-se a remeter aos assinantes os números correspondentes a meio ano desta.

Publicaram-se sete números de *A Flammula*, que se venderam avulsos e se distribuíram por entre trinta e cinco assinantes. O comunicado de término de *A Flammula* data de primeiro de fevereiro de 1928, contém balancete e a nominália dos seus redatores: Antonio Chalbaud Biscaia, Ernâni Almeida de Abreu e João Camargo.

5ª- no número de setembro de 1928 noticia-se a viagem dos representantes paranaenses ao Primeiro Congresso da Mocidade Católica, que se reuniu em 9 e 10 daqueles mês e ano, na cidade de S. Paulo. Foram-lhe embaixadores do Paraná Antonio Chalbaud Biscaia, Frederico Carlos Allende (diretor e gerente da revista *A Cruzada*), Rosário Farani Mansur Guérios, Ernâni Almeida de Abreu, José Molteni, Elias Karam, Newton Ferreira da Costa, Orlando Sprenger Lobo.

6ª- no número 8, de outubro de 1928, em duas páginas de especial beleza gráfica, constam fotografias individualizadas dos oito representantes paranaenses ao Congresso da Mocidade Católica, com identificação de cada qual. Sob a imagem de Antonio Chalbaud Biscaia, lê-se-lhe o nome e a legenda *Vice-Presidente da União de Moços Catholicos de Curityba*.

7ª- no número de outubro de 1928, notícia relativa ao congresso da Mocidade Católica, nomina, pela ordem, Elias Karam, Antonio Chalbaud Biscaia e Newton Costa como representantes da União de Moços Católicos de Curitiba.

8ª- no número de março de 1929, há duas fotografias dos participantes paranaenses do Congresso da Mocidade Católica: em uma vêem-se onze pessoas, dentre elas Antonio Chalbaud Biscaia; na outra, ele figura dentre vinte pessoas, sem identificação em ambas, embora reconhecível nas duas.

9ª- no número (já sob a forma de gazeta) de 24 de abril de 1931, em que se reproduz telegrama remetido pelo Círculo de Estudos Bandeirantes a Getúlio Vargas, então presidente da república, de congratulações pela promulgação do decreto que instituiu o ensino religioso nas escolas públicas. Eis o texto do telegrama:

O "Circulo de Estudos Bandeirantes", reunido em sessão ordinaria, applaude a medida altamente patriotica que vem de ser tomada por V. exa. com a promulgação do decreto relativo ao ensino religioso nas escolas do Paiz, e acclama o nobre gesto de V. exa. que integra a alma nacional no vivo organismo da Patria, satisfazendo às justas aspirações da immensa maioria catholica do povo brasileiro que vê na formação religiosa das novas gerações o penhor da grandeza authentica da raça. Curityba, 7 de maio de 1931.

Seguem-se trinta e dois nomes de subscritores, acompanhados das respectivas qualificações, dentre eles "*Antonio Chabaude (sic) Biscaia, academicos*", com o adjetivo erroneamente no plural.

Antonio Chalbaud Biscaia bacharelou-se na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná (atualmente Universidade Federal do Paraná), em que se matriculou em 1930 e se formou em 19 de dezembro de 1933.²³

A cerimônia da sua formatura foi precedida, no próprio dia 19, por missa, celebrada na catedral, às dez horas da manhã, pelo arcebispo João Braga, para os bacharelados católicos²⁴, dentre quem Antonio Biscaia.

A sua colação de grau decorreu no edifício do Congresso Legislativo Estadual, às oito horas da noite, com execução musical da banda do 9º Batalhão da Artilharia Montada, cerimônia para a qual não se exigiram convites nem traje especial. Foi paraninfo o professor catedrático de Direito Civil, Manoel de Oliveira Franco, e orador da turma Carlos Beltrão Pernetta.

Às dez e trinta da noite (do dia 19) seguiu-se baile no Clube Thalia, para o qual se invitaram todos os seus sócios e exigiu-se traje a rigor (com exclusão de indumentos de linho branco). O baile substituiu o que tradicionalmente a sociedade Verein Deutscher Saengerbund²⁵ promovia naquela data, em comemoração do Dia do Paraná.²⁶

No dia subsequente, os já então formados ofereceram banquete ao seu paraninfo, com discurso de Fausto Rocha²⁷.

Na casa Três Irmãos expôs-se quadro com as fotografias, em miniatura, dos bacharelados.²⁸

O *Correio do Paraná* difundiu referências enaltecedoras a alguns bacharelados, em breves artigos dedicados a cada qual e acompanhados da respectiva fotografia. Foi o caso de Antonio Biscaia, de quem, no dia 17 de dezembro, publicou a imagem (ele figura em traje de formatura: preto, com colarinho de pontas viradas, cinto de fivela grande e capelo), sotoposta à expressão, em caixa alta (e com erro de ortografia no seu sobrenome Chalbaud): “DR. ANTONIO CHALBAND BISCAIA”. Seguiu-se o texto:

Dentre os curitibanos que neste ano deixam a Faculdade de Direito um dos que tem vencido é sem duvida o Dr. Antonio Chalband Biscaia. Tendo realizado o seu curso secundario no Ginasio Paranaense Biscaia na Faculdade de Direito em virtude de seus pendores de lutador e de espirito pratico desviou sua atividade de moço para fóra dos umbrais da Universidade, mantendo-se sempre alheio às comoções internas da classe academica. Logrou, graças a isso crear um grande circulo de amigos que muito se alegrarão por certo, com a formatura do novo bacharel.

Casado com d. Odette Castellano Biscaia, filho do saudoso paranaense João dos Santos Biscaia e de d. Josefina Chalband Biscaia, nasceu o joven advogado a 12 de Julho²⁹ de 1909.

²³ Com ele formaram-se Abeylard Pereira Gomes, Alberto Hecht Murray, Carlos Beltrão Pernetta, Cláudio de Macedo Lopes, Clotário Lopes, Dâmaso Teixeira de Bittencourt, Edgar Linhares Filho, Fausto Rocha, Gabriel Munhoz da Rocha, James Pinto de Azevedo Portugal, Joaquim Miró Júnior, Lázaro Zacharias dos Santos, Norberto de Miranda Ramos, Osny Duarte Pereira, Oswaldo Nascimento Bittencourt, Ruy Cunha.

²⁴ Nem todos professavam o catolicismo, a exemplo de Carlos Beltrão Pernetta, positivista, filho do dr. João David Pernetta, divulgador do Positivismo no Paraná.

²⁵ A sociedade Sangerbund passou a chamar-se de Clube Concórdia por ocasião da declaração de guerra do Brasil com a Alemanha, em 1942.

²⁶ *Correio do Paraná*, de 15.12.1933.

²⁷ *Gazeta do Povo*, de 19.12.1933.

²⁸ *Correio do Paraná*, de 17.12.1933.

²⁹ Enganou-se a gazeta. Ele nasceu em junho.

Dentre as inclinações do dr. Chalband Biscaia, destaca-se o seu acendrado espírito de católico prático e convicto. Nesse campo tem se revelado um elemento de destaque da Igreja Católica, pondo a serviço dessa corporação o brilho de sua pena e o realce de sua inteligência. São, assim copiosos os seus artigos na imprensa católica e ainda no ano transato publicou na Revista “Ave Maria” um interessante romance intitulado: “Ter uma noiva sem saber”...³⁰

Ao dr. Chalband Biscaia, que vem de concluir seu curso superior com notas brilhantes, vaticinamos baseados em sua atividade como estudante e que mereceu uma nomeação para adjunto promotor do termo de Carpolópolis e agora de Morretes, um futuro decididamente invejável”.

Lecionou Direito Comercial na Universidade Federal do Paraná, havendo sido nomeado para tal pelo Presidente da República, por decreto publicado em 2 de setembro de 1953, para exercer, como substituto, interinamente, o cargo de Professor Catedrático daquela cadeira, durante o impedimento do seu titular, Carlos Araújo de Brito Pereira. Ocupou-a, no entanto, desde 1952.

Deteve a mesma cadeira na Universidade Católica do Paraná, de 1959 (tomou posse em 13 de janeiro daquele ano) a 1972 (quando se aposentou).³¹ O seu reitor, então Jerônimo Mazzarotto, nomeou-o como integrante de comissão destinada a promover a reforma universitária, determinada pelo Ministério da Educação em dezembro de 1961.³²

Como professor da Universidade Católica e diretor da revista *Paraná Judiciário*, instituiu, em 1963, o prêmio Paraná Judiciário, destinado a laurear o aluno de Direito Comercial distinguido em primeiro lugar nesta matéria.

De 1925 a 1927, laborou como funcionário da sucursal, de Curitiba, do Banco Francês e Italiano para a América do Sul; em 1928 ingressou no Banco Pelotense (na sua filial também de Curitiba), cuja carteira cambial chefiou, até a liquidação dele (em janeiro de 1932).

Conheceu a sua futura esposa, Francisca Odette Castellano³³, em 1925, ela menina-moça de treze anos de idade; ele, mancebo de dezesseis. Foram os primeiros e únicos namorados, um e outro, um do outro.

Após quatro anos de namoro (1926 a 1929) e dois de noivado (noivaram em 28 de junho de 1929), desposaram-se em 8 de setembro de 1931: a celebração civil efetuou-se às 16:30 h, na residência da noiva (na casa de número 412 da rua Barão do Rio Branco, em Curitiba), na presença do juiz de casamentos Antonio Rodrigues de Paula e das testemunhas João Chalband Biscaia (irmão do noivo) e Domingos Castellano (pai da noiva). O sacramento católico do matrimônio ocorreu no mesmo dia, na igreja do

³⁰ No original constam reticências e vírgula.

³¹ Em 28 de janeiro de 1967 o diretor da Faculdade de Direito da Universidade Católica emitiu o título de professor efetivo da primeira cadeira de Direito Comercial a Antonio Chalband Biscaia.

³² Para mais de Antonio Biscaia, integraram a comissão o padre José Soder, Carlos Franco Ferreira da Costa, Lauro Esmanhotto, Albano Woiski, José Maria Munhoz da Rocha, Ivo Ferreira de Oliveira e Liguarú do Espírito Santo.

³³ Francisca Odette Castellano nasceu em Curitiba, em 28.6.1912; morreu na mesma cidade, em 20.7.2001. Era filha de Domingos Castellano e de Maria Thereza Brauser Castellano. Para a origem familiar de Francisca, pelo seu costado materno, vide o meu *Um italiano em Curitiba* (Curitiba, 1989). Domingos era filho de Marcelino Francisco Castellano, italiano, pelo que se pronuncia “castelano” e não “castelhano”, dicção que seria correta se fora nome espanhol.

Sagrado Coração de Maria, em Curitiba.³⁴ Uma vez consorciado, o novo casal residiu no bairro Alto da Glória, nos fundos da casa de Lisímaco Ferreira da Costa.

Com o título de “Noivados”, a gazeta *A Republica*, de 28 de junho de 1929, noticiou: “Nesta Capital, com a gentil Sta. Odette Castellano, dilecta filha do sr. Domingos Castellano e de sua exma. esposa d.a Thereza Castellano, o distinto moço Antonio Chalbaud Biscaia, destacado funcionario bancario”.

Ainda estudante de Direito, Antonio Chalbaud Biscaia exerceu a função de Promotor Público Adjunto no termo judiciário de Carlópolis³⁵ (para o que recebeu nomeação em 25 de maio de 1932, emitida por decreto de Manoel Ribas, interventor federal no Paraná), de 22 de junho de 1932 a 29 de maio de 1933, data em que novo decreto transferiu-o para o termo de Morretes, onde assumiu as suas funções em 14 de junho de 1933 (ainda acadêmico) e em que se manteve até 5 de janeiro de 1934 (já diplomado).

Em 5 de janeiro de 1934, decreto de Manoel Ribas nomeou-o para atuar na comarca de Tomazina, onde assumiu as suas atribuições em 15 de janeiro do mesmo ano. Em 25 de fevereiro de 1938, Manoel Ribas removeu-o, por conveniência e necessidade do serviço, para a comarca de Palmeira, onde tomou posse do seu cargo em 15 de março de 1938.³⁶

Em Tomazina exerceu (em 1936) o cargo de primeiro provedor do Hospital São Vicente de Paulo, de cujas organização e fundação participou. Organizou-o juridicamente e superintendeu-lhe a edificação da sede própria.

Em dezembro de 1940 foi posto à disposição da Procuradoria Geral do Estado do Paraná, que lhe confiou o patrocínio de diversas e importantes causas em que o Estado do Paraná figurava como parte.

Ao regressar para Curitiba, em 1941, foi investido como advogado do Departamento de Geografia, Terras e Colonização, em que se ocupou do estudo e exame das questões de terras devolutas, que compreendiam volumoso número de casos de legitimação de posses, revalidação de direitos, compras e concessões de terras.

Passou a habitar a casa da rua Dr. Pedrosa, número 175 (na esquina com a rua Lamenha Lins), que pertencera ao seu avô paterno (João dos Santos Biscaia, o velho), até se mudar, em 1946, para a que edificou na rua Lamenha Lins, 213 (no terreno pertencente àquela) e em que viveu até o seu óbito, em 1982.³⁷

³⁴ João dos Santos Biscaia, o moço, pai do noivo, repudiou o casamento de Antonio. Vide adiante o tópico V – *A novela de 1931*.

³⁵ Francisca Odette (assim o narrava) mudou-se para Carlópolis em prantos, por separar-se dos seus, que deixava em Curitiba, ou porque o novo lugar de sua residência fosse atrasado; deixou-o igualmente em prantos, tanto se lhe apegara. O primogênito de Antonio e Odette, Luis Castellano Biscaia, nasceu na casa da rua Barão do Rio Branco, número 412, enquanto Antonio exercia as funções de promotor em Carlópolis. Após o parto, a novel mãe e o rebento mudaram-se para lá, com Isolde Inna Sermann, prima de Francisca Odette, que os acompanhou a Carlópolis e Tomazina. O parto foi assistido por Marta ou Berta Reinerdt, alemã e vizinha, na rua Paula Gomes, de quadra, de Augusto Brauser, avô materno de Odette, residente naquela rua, nas casas de número 10 e 33 (em períodos distintos, em tese), entre as ruas Mateus Leme e Duque de Caxias, em Curitiba.

³⁶ Segundo Francisca Odette, ao regressarem de Palmeira para Curitiba, olvidou-se ela, no trem que os trouxe a Curitiba, de um pacote, que perdeu. Conteria ele o exemplar de Antonio Chalbaud Biscaia, de *Catecismo Explicado* (que ele adquiriu em 3.7.1934) ?

³⁷ Na casa de esquina nasceu a sua filha Josefina Maria Castellano Biscaia. De 28 de junho de 1946 data cartão de visitas impresso (dotado de miniatura fotográfica da casa, no seu canto superior esquerdo) em que se redigiu: “*Odette Castellano Biscaia e Antônio Chalbaud Biscaia* Comunicando a mudança de sua residência, oferecem seus prestimos à Rua do Dr. Lamenha Lins, n. 213 Curitiba, 28-6-1946.”. A casa de seu avô paterno (João dos Santos Biscaia, o velho), na esquina da rua Dr. Pedrosa com a rua Dr. Lamenha Lins, tinha fundos até o limite do lote em que Antonio edificou a sua morada. Os lotes intermediários, entre a casa da esquina e a sua própria, pertenceram aos seus irmãos Narcizo, Frederico (Fite, de alcunha) e Mário, pela ordem, da esquina para o interior da quadra; a mãe deles, Josefina Chalbaud Biscaia,

No exercício do cargo de advogado do Departamento de Geografia, Terras e Colonização, o secretário da Viação e Obras Públicas, Angelo Lopes, investiu-o como seu chefe de gabinete (em outubro de 1943), função que exerceu por quase três anos, no mandato dele e do seu sucessor, Antonio Batista Ribas³⁸.

Em 1945, assumiu a função de consultor jurídico da Secretaria da Viação e Obras Públicas, para a qual recebeu nomeação em 21 de agosto daquele ano. No ano subsequente, tornou-se diretor do Departamento Jurídico dela, cargo em cujo exercício o então Secretário, Flávio Suplicy de Lacerda, cometeu-lhe a elaboração do projeto de Regulamento Geral daquela secretaria.³⁹

O então interventor federal no Paraná, Mário Gomes da Silva, nomeou-o, em 19 de outubro de 1946, para Procurador Geral do Estado do Paraná, cargo de que tomou posse dois dias depois e de que se desincompatibilizou, em 16 de novembro, para concorrer (malogradamente) às eleições para a Assembléia Constituinte do Paraná, que se reuniu em 1947. Novamente exerceu o cargo de Procurador Geral do Estado de 1948⁴⁰ a 1950 e, outra vez, em 1959, 1960 e 1961.

Integrou a Comissão do Serviço Público Estadual (desde a sua criação, em 27 de dezembro de 1944, até a sua nomeação como Procurador Geral do Estado), cuja presidência substituta ocupou e em que relatou centenas de processos e tomou iniciativas de particular interesse para o funcionalismo público, dentre elas a indicação de 25 de março de 1946, que originou o movimento pró aumento salarial do funcionalismo (do que resultou, em benefício deste, acréscimo de 40% nos seus proventos) e a proposta de reestruturação dos quadros e carreiras, assunto pelo qual muito pugnou e que pessoalmente executou.

Ocupou, ainda, os cargos de Secretário de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio (1947-1948, no primeiro governo de Moysés Lupion e, novamente, no seu segundo governo⁴¹), de assessor judicial da Consultoria Geral do Estado do Paraná (1951), de procurador do quadro especial da Consultoria Geral do Estado (1955), de Consultor Geral e Advogado Geral do Estado do Paraná. Em 1955, o de Chefe da Divisão Judicial da Consultoria Geral do Estado do Paraná.

Participou da Comissão de Controle de Movimento do Quadro do Funcionalismo Público Estadual em 1944; integrou (em 1944 e 1947) e presidiu, substitutivamente, duas Comissões do Serviço Público Estadual⁴², que organizou e classificou as carreiras

possuiu uma nesga entre os sesmos de Narcizo e Frederico. A casa de Antonio constava de térreo, primeiro andar e porão; no teto deste viam-se os barrotes e vigas de sustentação do soalho do térreo. No andar havia os quartos e uma pequena capela, devotada a Maria e dotada de ornamentação. Ali velou-se o corpo de Juliana Biscaia de Lacerda, filha de sua filha Josefina, morta com um dia de vida, em dois de agosto de 1970. Na esquina da avenida Visconde de Guarapuava com a rua Lamenha Lins habitava, na mesma quadra, Bernardina Biscaia (irmã do pai de Antonio), em vivenda grande. A residência de Antonio foi vendida em 2007 pelos seus filhos e convertida em casa comercial, o que a desfigurou de todo.

³⁸ Antonio Batista Ribas ocupava o cargo de Secretário em 4.2.1946; em 27 do mesmo mês, achava-se substituído por João Cândido Ferreira Filho, a quem, por sua vez, sucedeu Flávio Suplicy de Lacerda, já Secretário em julho do mesmo ano.

³⁹ Foi nomeado por ato do secretário da Viação e Obras Públicas, em 18.3.1946, publicado no *Diário Oficial do Paraná*, em 12 de abril do mesmo ano.

⁴⁰ Foi nomeado pelo governador Moysés Lupion em 28 de fevereiro de 1948. Em 31 de julho de 1950 solicitou-lhe a sua exoneração, devido à sua candidatura à deputação estadual, pelo Partido Social Democrático.

⁴¹ Foi nomeado pelo governador em 9 de setembro de 1947. Moysés Lupion governou o Paraná de 12 de março de 1947 a 31 de janeiro de 1951 e, no seu segundo mandato, de 31 de janeiro de 1956 a 31 de janeiro de 1961.

⁴² Foi nomeado, como integrante da comissão, pelo interventor federal Manoel Ribas, em 30 de dezembro de 1944 e assumiu as suas funções em 15 de janeiro de 1945. Foi nomeado pelo interventor federal Antonio Augusto de Carvalho Chaves, novamente, para a mesma comissão, em 1º de fevereiro de 1947; assumiu em 20 do mesmo mês.

do funcionalismo público do Estado do Paraná (1944). Também compôs a Junta Apuradora da Terceira Zona Eleitoral de Curitiba (1945) e a comissão encarregada da elaboração do projeto de Lei de Colonização do Estado do Paraná (1945), bem como a incumbida de elaborar o projeto de Regulamento Geral da Secretaria da Viação e Obras Públicas (1945) e o de reforma do Quadro Geral de Pessoal da Secretaria de Viação e Obras Públicas (1946).

Exerceu o cargo de juiz efetivo do Tribunal Eleitoral do Paraná, em biênio, como representante da classe dos advogados do Paraná⁴³; Procurador Geral do Ministério Público do Paraná (em 1948⁴⁴, 1949 e 1950; 1959⁴⁵ e 1960); Procurador da Procuradoria Geral do Paraná (1961).⁴⁶

Também ocupou o cargo de advogado da Prefeitura de Curitiba, na gestão de Erasto Gaertner (1952).

Candidato a eleições de deputação, logrou a suplência quatro vezes, das quais assumiu na terceira:

- I) foi suplente de deputado estadual, no Paraná, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, havendo sido eleito em 19 de janeiro de 1947;
- II) em 3 de outubro de 1950, foi eleito suplente de deputado estadual, no Paraná, pelo Partido Social Democrático, com 1.107 votos.
- III) Também foi suplente de deputado federal na legislatura de 1955, pelo Partido Trabalhista Brasileiro; como tal, assumiu a deputação em 3 de abril de 1956 (e exerceu-a até 1958).
- IV) Finalmente, foi eleito suplente de deputado federal, pelo Paraná, em 3 de outubro de 1958, pelo Partido Social Democrático, com 3.892 votos.

No exercício do mandato de deputado federal (nos anos de 1956, 1957 e 1958) integrou, como membro efetivo, as Comissões de Finanças e de Orçamento⁴⁷; como presidente, a Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a apurar as deficiências do sistema penitenciário do Distrito Federal (cidade do Rio de Janeiro); como vice-presidente, a Comissão Parlamentar de Inquérito voltada a investigar as transações havidas entre a firma Cursi S. A. e o Governo Federal. Dentre outras iniciativas, devem-se-lhe a atribuição de pensão às viúvas dos fundadores da Universidade do Paraná; a criação do Parque Nacional do Marumbi; o pagamento aos veteranos da guerra do Paraguai e do Uruguai; o pagamento de abono aos inativos da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina; a atribuição de pensões e de montepios aos militares; a federalização das Faculdades de Odontologia, Farmácia e de Química do Paraná, que passaram a pertencer à Universidade Federal do Paraná; a criação do curso de Urbanismo e Arquitetura e a da Escola de Enfermagem do Paraná; a construção da

⁴³ Nomeado por decreto do presidente da república, em 5 de fevereiro de 1970.

⁴⁴ Nomeado pelo governador Moysés Lupion em 28 de fevereiro de 1948.

⁴⁵ Nomeado pelo governador Moysés Lupion em 6 de julho de 1959; tomou posse no mesmo dia.

⁴⁶ O Promotor de Justiça Geraldo de Freitas publicou, na *Gazeta do Povo*, de 7 de março de 1976, nota enaltecadora de Antonio Chalbaud Biscaia, em que se lê:

“O período em que exerceu a Procuradoria Geral do Estado foi tranquilo, dando ensejo para que demonstrasse em toda a plenitude as suas qualidades, que o credenciavam para o exercício de tão relevante encargo que tanto dignificou.

Todos se referiam a felicidade com que se houve o Governo, em sua nomeação.”

⁴⁷ Foi indicado para integrar tal comissão por Tarcílio Vieira de Melo, deputado federal e então (1956), líder do Partido Social Democrático (*Boletim da Federação das Congregações Marianas de Curitiba*, número 9, de setembro de 1956).

estrada de ferro entre o Brasil e a Bolívia; a reestruturação do quadro de pessoal da Secretaria do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná; a instituição da aposentadoria dos advogados; a concessão de auxílio de quinhentos milhões de cruzeiros à Estrada de Ferro Central do Paraná; o Plano Nacional de Eletrificação; o Fundo Nacional da Marinha Mercante; o Fundo Portuário Nacional; emissão de letras e obrigações do Tesouro Nacional; a criação da Carteira Hipotecária do Clube Naval; a construção de monumento em homenagem a Joaquim Caetano da Silva; a constituição das sociedades de economia mista Usina da Figueira e Usina do Capivari; concessão de auxílio para a realização da primeira Festa Nacional do Fumo, em Santa Cruz (RS); construção do Colégio Brasileiro, em Assunção (Paraguai).⁴⁸

Durante o seu mandato obteve a inclusão, no orçamento da União, de verbas destinadas à Faculdade de Ciências Médicas (três milhões de cruzeiros), à Faculdade Católica de Direito (um milhão e seiscentos mil cruzeiros), à Escola de Serviço Social (oitocentos mil cruzeiros), à Federação das Congregações Marianas de Curitiba, para a construção da Casa do Congregado Mariano de Curitiba⁴⁹ (dois milhões de cruzeiros), à Santa Casa de Misericórdia de Curitiba (um milhão de cruzeiros), ao Hospital do Cajuru, em Curitiba (um milhão de cruzeiros), além de inúmeras outras entidades hospitalares, de assistência social e de ensinos médio e primário.⁵⁰

Eis os principais projetos de lei que apresentou⁵¹:

Número 1420/56, de concessão de pensão mensal às viúvas dos fundadores da Universidade do Paraná. Foi convertido na lei de número 3130/57.

Número 1452/56, de abertura de crédito de dez milhões de cruzeiros para combater a erosão no Paraná. Tramitou no Senado.

Número 1488/56, de abertura de crédito de quinhentos mil cruzeiros, para auxiliar ao Educandário Nossa Senhora do Rosário, de Cornélio Procópio (PR). Foi convertido na lei 3143/57.

Número 1862/56, de criação do Parque Nacional do Marumbi. Em votação em primeira discussão.

Número 1679/56, de abertura de dez milhões de cruzeiros para combater a geada dos cafezais do Paraná. Foi convertido na lei 3321/57.

Número 1816/56, de abertura de trezentos mil cruzeiros para o primeiro Congresso Florestal de Guarapuava. Pendia de parecer da Comissão de Economia.

Número 2225/57, de concessão de isenção de direitos alfandegários ao equipamento telefônico automático de Curitiba. Pendia de parecer da Comissão de Economia.

⁴⁸ A fonte destas informações corresponde a um folheto de propaganda eleitoral, destinado à tentativa de reeleição de Antonio Biscaia como deputado federal. Salvo as concernentes às viúvas e ao parque Marumbi, as mais acham-se mencionadas, laconicamente, no folheto, sob o título de “Principais projetos relatados na Comissão de Finanças”; reproduzo-as, com o mesmo laconismo. O folheto exibia fotografia do candidato, continha dados biográficos seus e rol dos principais projetos que apresentou, como deputado.

⁴⁹ Edifício Dom Manoel da Silveira Delboux, situado no número 926 da rua Saldanha Marinho, esquina com a rua Dr. Muricy, em Curitiba.

⁵⁰ A fonte destes dados é a mesma a que me referi na nota de número 48. O Promotor de Justiça Geraldo de Freitas publicou, na *Gazeta do Povo*, de 7 de março de 1976, nota enaltecedora de Antonio Chalbaud Biscaia, em que se lê: “Na Camara Federal, projetou-se tornando-se “líder” do movimento anti-divorcista. Empregou todos os seus esforços para impedir que lograsse sucesso a lei [de] que alguns de seus pares tentavam aprovação, com trabalho subterrâneo e que vinha tomando corpo em todo o país”.

⁵¹ A fonte é a mesma da nota de número 48. As informações relativas ao estado do projeto correspondem ao momento da divulgação do folheto e não ao da redação deste livro. Limito-me a reproduzir os informes, lacônicos, do folheto.

Número 2251/57, que tornava obrigatória a venda de café brasileiro em todos os pontos de turismo do país. Aguardava parecer da Comissão de Justiça.

Número 2264/57, que estendia aos ocupantes da função de Inspetor de Correios e Telégrafos o disposto no artigo 28 da lei 1229, de 13 de outubro de 1950. Foi aprovado pela Câmara dos Deputados e tramitava no Senado.

Número 2434/57, de concessão de isenção de direitos alfandegários ao material da Campanha de Nossa Senhora de Fátima, no Brasil. Foi convertido na lei 3211/57.

Número 3358/57, que adia parágrafos 1º e 2º ao artigo 85 do Código de Trânsito (pertinente ao uso de placas especiais para os radioamadores). Aguardava parecer da Comissão de Justiça.

Número 3367/57, que concedia aos catedráticos e docentes livres o direito privativo do uso de vestes talares. Pendia de parecer da Comissão de Educação e Cultura.⁵²

Em abril de 1956 mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, a fim de exercer o seu mandato. Lá alugou, para sua morada, de um norte-americano, um apartamento, em Copacabana, no edifício Cervantes, situado na rua Duvivier, 37, apartamento 408 (quarto andar), na esquina com a avenida N. Sa. de Copacabana. Mudaram-se, com ele, a sua mulher Francisca Odette, o seu filho Rubens e as suas filhas Odette Maria e Josefina Maria⁵³.

Os vencimentos de deputado não propiciavam a Antonio Chalbaud Biscaia vida de luxo nem de prodigalidade. No apartamento, exíguo, havia um quarto em que se instalou um beliche, que Rubens ocupava e em que Odette Maria e Josefina Maria revezavam-se, em semanas alternadas: enquanto uma pernoitava na cama dupla, a outra fazia-o no sofá da sala.

O deputado Biscaia e os seus regressaram a Curitiba em janeiro de 1959, uma vez findo o mandato dele.

Foi candidato a deputado estadual em 1958 (pelo Partido Social Democrático), de balde.

Em 1966, integrou o Fundo Telefônico de Curitiba (atual Telepar), como seu diretor jurídico, enquanto ele existiu, de 31 de dezembro de 1965 a 30 de junho de 1973⁵⁴. Participou da elaboração do ante-projeto de regimento interno dele, em comissão formada, também, por Oswaldo Kuss e por Brasília Vicente de Castro. Ao longo do seu exercício, substituiu, mais de vez, o diretor financeiro daquela entidade, inclusivamente por óbito do seu titular.

Era advogado inscrito (em 30 de julho de 1934) na Ordem dos Advogados do Brasil, na sua secção do Paraná (sob o número 191). Nela serviu como conselheiro, por dezenove anos consecutivos (de 1963 a 1982); como tesoureiro, em quatro mandatos

⁵² Constituem fontes de pesquisa da sua atuação parlamentar os *Anais da Câmara dos Deputados*, publicados em tomos volumosos pela Câmara dos Deputados e que lhe arquivam a atividade legislativa (com identificação dos deputados presentes em cada sessão, os projetos de lei apresentados, o parecer dos relatores respectivos, o das comissões de análise, a ordem do dia). Os textos produzidos por Antonio Biscaia e por ele datilografados foram incinerados por um dos seus filhos (vide a nota de número 8).

⁵³ Em 1956, Josefina Maria não estudou, no Rio de Janeiro, por inexistência de vaga, nos colégios cariocas, dado que se mudou a meio do ano letivo. Em 1957, foi aluna do Colégio São Marcelo (como semi-interna, ou seja, lá permanecia de manhã e de tarde); no ano subsequente, do colégio Notre Dame de Paris (de freiras francesas, onde estudava no período matutino).

⁵⁴ O Fundo Municipal de Telefones foi instituído pela lei municipal, de Curitiba, de número 2700, de 31.XII.1965. Destinou-se à ampliação da rede de telefonia (fixa) daquela cidade; administrava-o conselho de onze membros, indicados por diversas entidades profissionais, dentre as quais a Ordem dos Advogados do Brasil, secção do Paraná. Antonio Biscaia integrou-o por indicação desta.

consecutivos; como tesoureiro da Caixa de Assistência dos Advogados (de 1946 a 1956), a que presidiu (de 1964 a 1982⁵⁵). Criou o ambulatório médico-odontológico da mesma Caixa (em 3 de fevereiro de 1975). Conselheiro do Instituto dos Advogados do Paraná (1961-1963), serviu como representante seu junto ao Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Paraná, por vários anos. Representou a Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Paraná, junto ao Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (1957-1958), bem assim junto ao Tribunal Eleitoral do Paraná, em um biênio.

Em sua homenagem inaugurou-se, na Caixa de Assistência dos Advogados do Paraná, em Curitiba, recinto intitulado “Sala Chalbaud Biscaia”, em junho de 1983.⁵⁶

Em 1967, manteve escritório na rua Ermelino de Leão, 15, sétimo andar.⁵⁷

Aposentou-se como Procurador Geral do Estado.

Antonio Biscaia presidiu à Congregação Mariana da igreja do Imaculado Coração de Maria, de Curitiba (ao longo de seis anos consecutivos) e, por treze anos (dos quais dez ininterruptamente, a saber, de 1944 a 1954) à Federação Mariana de Curitiba (cuja vice-presidência também exerceu), que envolvia todas as federações do Paraná, com o beneplácito dos bispos de Curitiba, Atico Eusébio da Rocha e Manoel da Silveira d'Elboux.

No ano de 1954, aos 6 de julho, tomou posse a diretoria da Federação das Congregações Marianas, em que, presidente cessante, assumiu a Secção da Defesa da Fé e da Moral, destinada ao combate da literatura “imoral e indecente”.⁵⁸

Em 1956, Antonio Biscaia participou do terceira Assembléia Nacional dos Dirigentes Marianos, na cidade do Rio de Janeiro.⁵⁹

Na presidência da Federação foi empossado, em um dos seus mandatos, para o que se encerraria, após um ano de exercício, em 30 de abril de 1960. Ao assumir o cargo de presidente (em 1959), enunciou as suas três diretrizes: reunir, em Curitiba, no ano de 1960, o Congresso Eucarístico Nacional; efetuar, nos Estados Unidos da América, o Congresso Internacional das Congregações Marianas; edificar a Casa do Congregado, cujos fundamentos achavam-se lançados, na data da sua posse.⁶⁰

Em 15 de agosto de 1959, discursou na assembléia magna comemorativa do 33º aniversário da Congregação Mariana de Nossa Senhora da Glória e São José, de Rio Negro (Paraná).⁶¹

⁵⁵ Em quatro mandatos consecutivos, a saber: de 1965 a 1971; de 1971 a 1975; de 1975 a 1979 e de 1979 a 1982, até o seu óbito.

⁵⁶ No edifício Cândido Lopes, situado na rua Cândido Lopes, número 128.

⁵⁷ Na sua residência, na rua Lamenha Lins, 213, o primeiro recinto, pela qual se acedia ao interior da casa, era domesticamente cognominado de “escritório” porquanto, efetivamente, servia como gabinete de trabalho de Antonio Biscaia. Nele se encontrava uma portentosa escrivaninha preta, de estilo manoelino, duas prateleiras das mesmas cor e estilo dos da escrivaninha, e uma miniatura de mesa redonda, preta e de três pés.

⁵⁸ Segundo declarou em entrevista para a Gazeta do Povo, em 7 de julho de 1954, in *Boletim da Federação das Congregações Marianas de Curitiba*, número 6, de agosto de 1954 e número 53, de maio de 1956. O número 9, de setembro de 1956, noticia a recepção, pelo diretor dele, de cartinha de Antonio Chalbaud Biscaia, então deputado federal, em que lhe comunicava haver incluído, no orçamento da União, relativo ao exercício de 1957, subvenções para a “construção da futura sede da Federação, que será a ‘CASA DO CONGREGADO MARIANO DO PARANÁ’”. Desta forma, prossegue a missiva, “será possível dar-se início ao grande desejo que mantive permanentemente quando modesto Presidente da mesma Federação e que agora, com as bênçãos de Nossa Senhora Maria Imaculada, vejo o meio de se tornar realidade”.

⁵⁹ *Boletim da Federação das Congregações Marianas de Curitiba*, número 8, de agosto de 1956.

⁶⁰ *Boletim da Federação das Congregações Marianas de Curitiba*, número 6, junho de 1959.

⁶¹ Publicou-se o texto no *Boletim das Congregações Marianas de Curitiba*, número 9, de setembro de 1959.

Durante a sua presidência da Federação (sendo diretor dela o monsenhor Vicente Vítola e governador do Paraná Moysés Lupion), promoveu-se o I Congresso Mariano de Curitiba (de 4 a 11 de abril de 1948), comemorativo do jubileu de Atico Eusébio da Rocha (arcebispo de Curitiba), com a presença do cardeal Jaime de Barros Câmara. Efetuou-se, então, transporte da imagem de Nossa Senhora do Rocio, de Paranaguá, que desta cidade foi deslocada para Curitiba, aonde chegou em 4 de abril daquele ano. O arcebispo abriu o congresso, achando-se presentes o governador do Paraná, Moysés Lupion, e o general Cordeiro de Farias. Presidente da Federação Mariana de Curitiba, Antonio Chalbaud Biscaia discursou, em saudação à imagem.⁶²

Presidiu, também, a outras Congregações Marianas, havendo sido fundador da de Tomazina (Paraná) e de duas em Palmeira (Paraná).

Integrou o Conselho da Fundação Arquidiocesana Papa João XXIII.

Aderiu ao pensamento de S. Francisco de Assis.

Deixou inédita a tradução (do francês) do Direito de Família, da Conferência de Limoges.

Dirigiu a revista jurídica *Paraná Judiciário* (de 1942 a 1969), em co-direção com Clóvis Bevilaqua Sobrinho e Maria Luiza Vieira Cavalcanti.⁶³ No seu número 83 (de fevereiro de 1966), publicou artigo intitulado “Advocacia é consciência honestíssima”, reprodução do discurso que proferiu em sessão do Conselho da Ordem dos Advogados, secção do Paraná, em 10 de fevereiro de 1966.

Exerceu a vice-presidência da antiga União de Moços Católicos; integrou a representação do Paraná, no Congresso da Mocidade Católica Brasileira, que se reuniu na cidade de S. Paulo e que representou o início da Ação Católica no Brasil, em 1928.

Em 23 de setembro de 1941, efetuou-se a primeira concentração regional de marianos, em Palmeira (Paraná), evento para o qual afluíram 300 participantes de Curitiba e uma centena deles, de Castro (Paraná) e Ponta Grossa (Paraná). Houve representação teatral, missa campal, desfile, churrascada e discursos proferidos, pela ordem, por Elias Karam, Orlando de Oliveira Mello, Walter Mariaux, Antonio Chalbaud Biscaia, Teodoro Matessi e o frei Asgário.⁶⁴

Foi consultor jurídico do Círculo dos Operários Católicos do Paraná, em 1946.

Pertencia à Associação dos Funcionários Públicos do Paraná (em que foi admitido em 10 de outubro de 1935), ao Círculo de Estudos Bandeirantes do Paraná, à Associação de Imprensa do Paraná, ao Centro de Letras do Paraná, ao Sindicato de Jornalistas Liberais do Paraná. Como sócio-fundador, integrou a Associação dos Servidores Públicos do Paraná; pertenceu ao Clube Curitibano, em que se tornou sócio remido após cinquenta anos como sócio pagador. Ingressou, na condição de sócio efetivo, no Curitiba Foot-Ball Club (que assim se chamava, na altura), em 23 de fevereiro de 1927, ao passo que em 8 de julho de 1947 foi admitido como sócio cooperador da Legião Paranaense do Expedicionário.

⁶² Poliantéia. *Festas jubilares de S. Excia. Revma. Dom Atico Eusébio da Rocha*. Curitiba, 1948.

⁶³ A revista *Paraná Judiciário*, de doutrina, jurisprudência e legislação, teve o seu número inicial publicado em 15 de janeiro de 1925. Fundou-a o desembargador Manoel Bernardino Vieira Cavalcanti, por cujo óbito foi sucedido pela sua filha Maria Luiza Vieira Cavalcanti.

⁶⁴ *O Dia*, de 24 de setembro de 1941.

Recebeu a medalha Osvaldo Vergara, em 1974, que lhe outorgou a Ordem dos Advogados do Brasil, secção do Rio Grande do Sul (com medalha, roseta e diploma), por relevantes serviços prestados à Ordem e à classe dos advogados.

Como sócio honorário, pertenceu ao Círculo de Marumbinistas do Paraná, que o agraciou (em 21 de agosto de 1979) com medalha do próprio Círculo e do governo do Paraná (alusiva ao centenário da conquista do pico do Marumbi, na Serra do Mar, no Paraná), pelos relevantes serviços que prestou ao montanhismo, ao excursionismo e ao turismo no Paraná.

Era introvertido e escassamente comunicativo⁶⁵, bem assim a sua mulher, Francisca Odette Biscaia.

Morreu, de enfarte, em 4 de outubro de 1982, na sua residência (na rua Lamenha Lins, 213, em Curitiba). Foi inumado no túmulo do seu avô, o capitão João dos Santos Biscaia, no Cemitério Municipal de Curitiba.⁶⁶

No centenário do seu nascimento, os seus filhos promoveram a impressão, na Empresa de Correios e Telégrafos, de selo, de tiragem limitada, em que se imprimiram a sua efígie e os dizeres:

Centenário de nascimento
1909-2009
Antonio Chalbaud Biscaia
12-6-1909
Curitiba-Paraná

A lei de número 7613/1991, de Curitiba, publicada em 21 de março de 1991, nominou de Antonio Chalbaud Biscaia uma rua daquela capital, no bairro do Guabirotuba, por iniciativa do vereador Paulino Pastre.

Antonio Chalbaud Biscaia possuiu automóvel de marca Austin, de placa de número 5843 e, a seguir, outro (existente), de marca Chevrolet Bel Air, hidramático, fabricado em 1957, nos E.E.U.U.A.A., de placa AA 0941, alcunhado, domesticamente, de Zezinho, que adquiriu durante a sua deputação, no Rio de Janeiro, de onde o conduziu a Curitiba, como motorista.

Quatro livros contêm notas biográficas de Antonio Chalbaud Biscaia: 1) *Dicionário Bibliográfico do Paraná*, de Júlio Estrella Moreira (Curitiba, 1960), em cuja seção onomástica identifica os autores paranaenses por sobrenome e lista-lhes a produção literária, com as datas respectivas. 2) *Galeria de Ontem e de Hoje*, de David Antonio da Silva Carneiro (Curitiba, 1963), recolha de notícias biográficas dos homens do Paraná antigo e de nótulas biográficas dos paranaenses coetâneos à sua publicação. 3) *Quem é quem no Brasil*, anônimo (São Paulo, 1967), expõe nótulas biográficas dos indivíduos notáveis do Brasil da altura; a relativa a Antonio Biscaia encontra-se na seção Vida

⁶⁵ Ao passo que, dos seus irmãos, João era comunicativo de temas graves; Mário e Evaristo comunicativos alegres.

⁶⁶ No mesmo sepulcro jazem, também, a sua avó Maria José Ribeiro Biscaia; o seu tio Narcizo Theodoro dos Santos Biscaia; os seus pais João dos Santos Biscaia, o moço, e Josefina Maria Chalbaud Biscaia; a sua viúva, Francisca Odette Castellano Biscaia; o seu irmão Mário Chalbaud Biscaia; o filho deste, Mário Chalbaud Biscaia Júnior; a viúva de Mário Chalbaud Biscaia, Olga Soffiatti Biscaia; outro dos seus irmãos, Evaristo Chalbaud Biscaia; uma das suas irmãs, Bernardina Chalbaud Biscaia; a ex-escrava de João dos Santos Biscaia, o velho, Agostinha dos Santos; a filha desta e de João dos Santos Biscaia, o velho, Benedita dos Santos. Chamou-se de Bernardina uma das irmãs do seu pai e uma sua irmã; se outra filha tivesse, após Josefina Maria Castellano Biscaia, a próxima chamar-se-ia Bernardina.

Cultural e o seu conteúdo é semelhante ao da *Galeria de Ontem e de Hoje*. 4) *Deputados brasileiros 1946 – 1967*, de David V. Fleischer (Brasília, Câmara dos Deputados, 1981) que, dos deputados federais do Brasil do lapso correspondente ao seu título, registra o nome completo, profissão, filiação, estudos que efetuou, legislatura em que atuou, partido a que pertenceu e os fatos cardeais da sua vida parlamentar e administrativa.

Todos quatro são extremamente perfunctórios.

A Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes (Curitiba, número 25, de setembro de 2011), reproduziu a folha corrida de Antonio, em capítulo de homenagem a ele.

Folhetos jurídicos.

Antonio Chalbaud Biscaia publicou cinco folhetos jurídicos, todas nas dimensões de 15,5 cm por 23,5 cm, a saber:

I- *Força maior*, de 16 páginas, publicado em Curitiba, em junho de 1942, em co-autoria com o seu irmão Evaristo Chalbaud Biscaia. Contém as razões de apelação do cliente de ambos, a Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, autora, em processo contra a Empresa Diário da Manhã Limitada e outros, na ação ordinária de número 16.196, da primeira vara do cível e comércio de Curitiba.

II- *A Patria – Deveres e Direitos dos Cidadãos*, publicado em 1945. Constitui separata da revista Paraná Judiciário, volume 40, fascículo III, de setembro de 1944. Em 14 páginas, contém a conferência inaugural da série patrocinada pela Federação das Congregações Marianas do Paraná, proferida em 11 de agosto de 1944, no salão da Associação dos Ex-Alunos do Colégio Santa Maria (Curitiba).

III- *Contestação pela Procuradoria Geral do Estado*. Publicado em Curitiba, em 1949, foi impresso na Imprensa Oficial do Paraná, com capa encimada pelas armas do Paraná. Trata-se do arrazoado que produziu em nome do Estado do Paraná, em contestação ao mandado de segurança de número 139, impetrado por Sebastião Costa de Castro (por seu advogado Manoel Linhares de Lacerda). Há vinte e cinco páginas de articulados em corpo diminuto, a que se seguem trinta e uma de fac-símiles de documentos, duas das quais desdobráveis.

IV- *Recurso extraordinário n. 15.289, do Paraná*, impresso na Imprensa Oficial do Paraná, em Curitiba, em 1949. A sua capa vai encimada pelas armas do Paraná e pelo nome Procuradoria Geral do Estado do Paraná. Contém cinquenta páginas de arrazoado (datado de 12 de outubro de 1948), em corpo diminuto e distribuído por quarenta itens, em que o Estado do Paraná, por seu Procurador Geral, Antonio Chalbaud Biscaia, recorre ao Supremo Tribunal Federal, em processo movido por Theodorico de Oliveira Franco. Há exemplares dotados de capa cor de laranja e outros, de capa cor-de-rosa.

V- *Memorial oferecido pelo Município de Curitiba por seu advogado Antonio Chalbaud Biscaia*. Publicado em 1952, reproduz a contestação do Município de Curitiba, representada por Antonio Chalbaud Biscaia (que a datou de 26 de junho de 1952), em mandado de segurança impetrado por Gutierrez, Paula & Munhoz e outros. Há trinta e sete páginas de articulado, em corpo pequeno, e duas de documentos.

Intitulado *Mandado de segurança número 23/79, de Curitiba*, existe um folheto (indatado) que reproduz a petição inicial do mandado de segurança de número 23, do ano de 1979, apresentado por nove co-impetrantes, contra o governador do Paraná, no intuito de obterem equiparação salarial com os procuradores de terceira classe do Quadro Especial da Procuradoria Geral do Estado. É seu autor Alir Ratacheski, como advogado de Antonio Chalbaud Biscaia, Néelson Faria Lins d'Albuquerque, Almir Miró Carneiro, Kleber Lima Moreira, Constante Eugênio Fruet, Simeão Mafra Pedroso, Júlio Buskei, Homero Cavalcanti de Quadros e Haroldo Lopes.

Pende por pesquisar-se, na revista Paraná Judiciário, a sua colaboração na forma de artigos, discursos e outros, objeto de possível nova recolha da sua produção, já não mais de jovem, senão de homem maduro.

Veia literária.

A veia literária de Antonio Chalbaud Biscaia originou-se do seu costado materno: filho de Josefina Maria de Ascensão Chalbaud y la Escosura, por ela era neto de Juan (João) de la Escosura y Lopez de Porto Morrogh Walcott; bisneto, por este, de Jerônimo Francisco de la Escosura y Lopez de Porto Alvarez y Barlet, fidalgo de nobreza documentada desde o século XVI⁶⁷. O seu bisavô e dois filhos dele (tios-avôs de Antonio) destacaram-se nas letras.

Jerônimo de la Escosura nasceu em Oviedo, em 1772, e morreu em Madri, em 1855. Redigiu *Compendio de la Historia de Roma* (Madri, 1830; de 323 páginas), *Compendio de la Historia de Grecia* (Madri, 1830; de 234 páginas), *Compendio de la Historia de Egipto* (Madri, 1842; de 428 páginas) e *Compendio de la Historia de España*, todos em formato in-16.

Do quarto (publicado em Madri, em dois volumes, ambos em 1831, dos quais o primeiro conta 287 páginas de texto e 15 de índice; o segundo, 288 páginas de texto e 16 de índice) houve seis edições em poucos anos. Assinalável pela correção da sua prosódia e pela clareza do seu método de exposição, graças a ele Jerônimo ingressou na Real Academia da Espanha (em que foi eleito, a título honorário, em 1843, e numerário no ano seguinte e em que ocupava a cadeira de letra X) e na Real Academia de História da Espanha (em que tomou posse em 5 de março de 1847).

Traduziu, do francês, o *Tratado de las maquinas de vapor*, de Tomás Tredgold, mercê do que se lhe incluiu o nome no catálogo das autoridades da língua espanhola. A tradução foi publicada em Madri, em 1831 e consta de 447 páginas in-octavo; executou-a a partir da tradução para o francês, de F. N. Mellet que, por sua vez, traduziu-o do texto original, em inglês.

Jerônimo também verteu as *Conversaciones sobre economia politica*, de Lowry, em texto que se publicou em 1835.

Redigiu *Carlota*, comédia em dois atos, tomada do teatro francês e acomodada ao espanhol (Madri, 1839) e *A mal tiempo buena cara*, comédia em um ato, que se representou em Madri, em 1839.

⁶⁷ Há o processo de prova da sua nobreza (pelos quatro costados), graças ao qual se habilitou a receber a comenda da ordem de Carlos III. O documentário data de 1829; a concessão da honraria, de 1831.

Dos filhos de Jerônimo, Patrício de la Escosura y Lopez de Porto Morrogh Walcott (1807-1878) sobressaiu-se como político e literato: deputado, senador, ministro, plenipotenciário da Espanha em Portugal e na Alemanha, colaborou em revistas, a saber, *El Laberinto*, *Ilustración Española y Americana*, *El Imparcial*, *Revista de España*, *Revista Contemporanea*. Produziu dezessete peças teatrais, que publicou (como *El amante novicio*, *Las apariencias*, *Don Pedro Calderón*, *La corte del Bueno Retiro*, *Bárbara Blomberg*, *Don Jaime el Conquistador*). Como romancista, registrou *El Conde de Candespina*, *Ni Rey ni Roque*, *La Conjuración de Mejico*, *El Patriarca del Valle*, *Memorias de um coronel retirado*. Ingressou na Real Academia da Espanha, em 1847.

Luis de la Escosura y Lopez de Porto Morrogh Walcott (1821-1904), filho de Jerônimo, foi engenheiro de minas, autor de inúmeras memórias de conteúdo profissional, das quais a *Historia del tratamiento metalúrgico del azougue en España* foi premiada pela Escola de Minas e publicada em 1878. Foi redator da *Revista Minera*, criada em 1850 e de larga duração. Pertenceu à Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, em que ingressou em 1869.

Narciso de la Escosura y Lopez de Porto Morrogh Walcott (1809-1875), também filho de Jerônimo, produziu alguma dramaturgia, como *Los dos sordos* (1867), *Los solterones* (1868), *Los penitentes blancos* (1841), *La loca* (1841), *La paz de la aldea* (1866), *Virtud a prueba* (1868). Traduziu e adaptou peças dos franceses Bayard e Ernesto Legouvé, *Catalina Howard*, de Alexandre Dumas, entre outras.

I- Contos.

Os Contos acham-se em um caderno costurado, de frontispício e seu verso destituídos de numeração, a que se seguem 47 páginas pautadas e numeradas no canto superior destro das folhas pares e no sinistro dos respectivos versos (à exceção das dez primeiras páginas, dotadas de numeração apenas no seu averso). As dimensões de todas correspondem a 16 cm por 22,5 cm. Recobre-as capa de papel-jornal cor-de-rosa que encobre e oculta, nas duas capas, duas folhas manuscritas (uma em cada capa).⁶⁸

Há 42 páginas manuscritas, livres de rasuras, e 5 em branco, o que permite a ilação de que se cuida de versão definitiva, dantes concebida em rascunho.

A capa contém o nome do autor sobre a informação “Alunno do Gymnasio Paranaense”; embaixo, o ano de 1923.

Antonio contava, então, 14 anos de vida e estudava no Ginásio Paranaense, embora houvesse redatado os contos em 1921, com 12 anos, segundo se apura pelas datas que lançou ao cabo deles: “1921” após o final de *A Princesa de Villa Prata*; “14-9-1921” a seguir ao texto de *O Phantasma da Mascara Rouxa*; “19-X-921” em seguida à derradeira linha de *A Missão de Vingança!*. A quarta história, *A Lua Verde!* acha-se desdatada e inacabada, com a sua derradeira linha escrita a meio.

II- Composições.

⁶⁸ As folhas ocultas são assinadas por João Chalbaud Biscaia e contêm, quatro vezes, a expressão “Visto”, sobreposta a datas, correspondentes aos anos de 1913, 1914 (em duplicata) e 1919. Corresponderam, possivelmente, a textos escolares, que se aproveitou como recheio das capas, no intuito, talvez, de lhes propiciar alguma rigidez. Observei o conteúdo das folhas ocultas contra a luz.

Caderno de capas rígidas, com o formato de 16 cm por 22 cm, contém apenas quatro folhas costuradas. Na primeira contracapa colou-se, por inteiro, uma folha igual às demais e que encobre o selo, fixado na extremidade superior sinistra, da Livraria Mundial, nome que, no entanto, se lê através da opacidade do papel.

Encimam a primeira e a quinta páginas a expressão “Composição.”. Na linha inicial da primeira página encontra-se o título *O alfinete*, a que se segue texto encerrado com as informações:

Collegio Iguassú.

Curitiba, 6 de Fevereiro de 1924.

Antonio Chalbaud Biscaia.

A seguir e após duas linhas, o título “A laranja.” encabeça outra redação, que se remata com os mesmos dados da precedente, com a diferença da data: 19 de fevereiro de 1924.

No alto da página seguinte, o título “Um baptizado.” precede texto que coube no limite estrito da própria e que se encerra sem a fórmula da dupla anterior, porém com 22 pontos dispostos horizontalmente. A página subsequente inicia-se com o título *Amanhecia*, cujo texto termina-se na seguinte, com a fórmula de encerramento presente em *O alfinete*, datada de 23 de fevereiro de 1924.

Naquele ano, Antonio Biscaia completou 15 anos de idade e estudava no Colégio Iguacu.

III- Poesias.

Dez folhas de papel-arroz cor-de-rosa, nas dimensões de 22 cm por 27 cm, contêm, cada qual, uma poesia, todas datilografadas. As folhas acham-se presas por um clipe na sua parte superior, à esquerda, e preenchidas no seu averso apenas.

Em todas consta, no alto e no centro, o título (em vermelho), sobreposto aos versos (em preto); ao pé de cada uma constam local (Curitiba), data e assinatura manuscrita de Antonio Chalbaud Biscaia. Por derradeiro, no canto inferior direito, a expressão (*COPIA*).

As folhas foram dispostas em seqüência cronológica (salvo as duas últimas, que encontrei invertidas, por lapso de quem as manipulou por último) de 26 de agosto de 1925 a 16 de junho de 1927: *Soneto* data de 26 de agosto de 1925; *Rimas soltas...*, de 4 de dezembro de 1925; *Rimas soltas II*, de 5 de dezembro de 1925; *Soneto*, de 18 de outubro de 1926; *Mãos de Chrystal*, de 13 de novembro de 1926; *O poema de meu amor...*, de 9 de fevereiro de 1927; *Recordação de maio...*, de 17 de fevereiro de 1927; *MÃE!... Titulo sublime, honra e gloria que só a mulher pussue (sic)*, de 27 de maio de 1927; *Odette, minha meiga bem amada*, de 15 de junho de 1927, e *O grito de uma alma...*, de 16 de junho de 1927.

O poema *MÃE!*... é homônimo da prosa inacabada e desdatada que reproduzi no volume primeiro.⁶⁹

Antonio Chalbaud Biscaia contava 16, 17 e 18 anos de idade ao tempo em que versejou.

Uma folha branca, destituída de pautas, de 32 cm por 22 cm de medidas, contém poema intitulado *Cinzas...*, manuscrito, com local e data (*Curitiba, 18/II/926*), assinatura do autor, dedicatória autógrafa no alto da primeira página (*Ao querido amiguinho Alberto, oferece o Auctor 15/III/26*) e glosa manuscrita (*Da novella inedita "Confidencias..."*) no final. *Cinzas...* integra o texto de *Confidencias...*, tal como o reproduzi na página 115 de *Juvenília*, primeiro volume.

Alberto era, provavelmente, Alberto da Silva Martins.

Dobrada a meio no sentido do seu comprimento, a folha foi preenchida nas suas páginas primeira e terceira. Há vinheta na inicial do título, na forma de retângulo vertical traçado em vermelho e em que se inscreveu, a lápis, a letra "C", capitular, sobreposta ao desenho de uma palmeira ladeada por cabanas e com montanhas ao fundo.

O poema *Cinzas...* não pertence ao conjunto das demais poesias, pelo seu suporte material, pela redação (manuscrita e não datilografada) e pelo seu enquadramento literário (integra o conto *Confidencias...*, ao passo que não assim as outras).

Também versejou na opereta *Odette (Perola do Oriente)*: no primeiro ato lançou dois poemas, diferentes, de quatro estrofes de quadras; outro, de sete estrofes de quadras com terceto por estribilho; mais um, de dez estrofes de sextilhas; uma quadra.

No segundo ato redigiu poema de seis estrofes de quadras; outro, de três estrofes de quadras; ainda outro, de duas estrofes de décimas; dois, diferentes, de quatro estrofes de tercetos; mais dois, de cinco estrofes de quadras.

No terceiro ato, há poema composto por cinco estrofes de quadras; outro, por sete estrofes também de quartetos, com estribilho de dístico; outro, por uma quadra e duas estrofes de oitavas; mais um, por uma quintilha, dois tercetos, três quartetos e uma sextilha; finalmente, uma quadra.

No total, dezessete poemas.

IV- Conto.

Intitula-se *A perola do Oriente* o conto datilografado em tinta azul, no anverso de trinta meias páginas (de 13 cm por 21,5 cm), datado, no final, de 12 de outubro de 1925, quando Antonio contava 16 anos de vida.

Cozeram-se as folhas com fio garço; prendem-nas dois grampos fixados proximamente dos orifícios em que se passou aquele, tudo no lado esquerdo, de modo que se formou caderno com capa em que se inscreveu o título, com letras arredondadas e volumosas, a que se sotopôs gracioso desenho de mesquita. Há moldura parcial: dois traços paralelos, rematados por pingente, nas laterais esquerda e superior. O conjunto da capa foi traçado a lápis.

Todas as folhas contêm friso na porção superior, imediatamente abaixo do respectivo número. As sete primeiras apresentam-no deste tipo:

⁶⁹ Vide as páginas 38 e 132 do volume primeiro.

(Curitiba, 21.10.1927), a assinatura do seu autor (mancebo de 18 anos de idade) e a dedicatória:

*Ao caro Alberto, que tão bem
sabe crear os typos que tenho
idealizado, offereço como prova
de sincera amizade e admiração*

Antonio

7.3.28

O dedicado é, provavelmente, Alberto da Silva Martins.

Opereta.

Noventa e três folhas de 19,5 cm por 24,5 cm, datilografadas nos seus aversos, contêm *Odette (A perola do oriente)*, identificada pelo seu autor como *opereta em 3 actos*. Desprovidas de numeração, nas dez iniciais datilografaram-se o prefácio (com autógrafo do autor), a dedicatória, dois frontispícios e o rol de personagens.

As oitenta e três folhas do texto da peça apresentam cabeçalho na forma de dois frisos horizontais formados por seqüências da letra O, sem intervalos entre elas. Entremeados aos frisos, o nome Odette. Ao pé das páginas, repete-se um friso, sobreposto ao número da página.

A derradeira página do texto (de número 83) apresenta a sigla, entre parênteses, EFB, indicadora da datilógrafa, Elisa de França Bittencourt, mentora da única escola de datilografia existente em Curitiba, por então, onde Antonio Biscaia aprendeu a datilografar. Ela executou a datilografia de *Odette*, primorosamente, na correção do texto, na sua diagramação e na sua ornamentação (sempre à máquina, em que letras formavam frisos e vinhetas).

Há duas folhas de guarda no início e uma no final, as três em branco; todas as 96 foram grampeadas com três grampos à esquerda e encadernadas com meia napa amarela e cantoneiras da mesma cor. Revestiram-se as capas com napa estampada com flores; na primeira aplicou-se rótulo vermelho em que, em letras douradas, inscreveu-se:

ANTONIO CHALBAUD BISCAIA

ODETTE

(A PEROLA DO ORIENTE)

1928

Antonio datou o prefácio de 28 de junho de 1928, dia aniversário de Francisca Odette Castellano, sua namorada, que então perfazia dezesseis anos de vida. Contava ele dezanove.⁷¹

VII- Mãe!

Único manuscrito desdatado, o de “Mãe!” corresponde a quatro, somente, páginas manuscritas, em dez presas à capa por dois grampos. Capas e miolo medem 16 cm x 23

⁷¹ Pende por encontrar-se (se ainda existir, algures) o texto do drama *O milagre da Santíssima Virgem*, da autoria de Antonio Biscaia.

cm. De cartolina de papel-jornal cor-de-rosa, a capa apresenta, a lápis, por esta disposição, os dizeres (sem til no substantivo):

Mae!

English

Esboço não terminado

Sobre o vocábulo em inglês há riscos horizontais e oblíquos, em jeito de cancelamento: terá sido o seu canhenho escolar de inglês, que empregou como suporte do texto que manuscreeveu.

Na extremidade inferior direita, aplicou-se, de ponta cabeça, carimbo da Livraria Mundial onde, provavelmente, se adquiriu o caderno.

VIII- A novela de 1931.

Há um manuscrito , composto por 69 laudas pautadas e numeradas, de 22,5 cm por 16,5 cm; em todas, a cor da tinta (de caneta tinteiro), é castanho escura e uniforme. Há, também, laudas avulsas, destituídas de pautas, numeradas de 46 a 60, redigidas com letra ligeiramente arredondada (e tinta de cor glauca, do mesmo tipo de caneta) até a quinquagésima primeira, todas reverso em cujo anverso lê-se, ao alto e no centro “NOME DA FIRMA”; à esquerda, a espaços e pela ordem: “LOCALIDADE”, “RAMO DE NEGÓCIO”, “CAPITAL”, “SOCIOS” e “CONCEITO”. Por fim, há treze outras, do mesmo tipo e desprovidas tanto de texto como de numeração. As três séries acham-se reunidas pela ordem em que as descrevi; as duas primeiras constituem um único texto, porquanto a segunda prossegue, no seu teor, o da primeira.

A primeira série de laudas corresponde a folhas cortadas ao meio, dotadas do timbre “BANCO PELOTENSE”; o manuscrito ocupa uma face apenas de cada metade, sempre a oposta à do timbre, quando se trata da porção superior da folha.

Antonio Biscaia datou algumas folhas, à medida em que as preenchia: no canto superior esquerdo da folha de número 1 registrou “5/2/31”; na folha de número 15 consta “6/2/31”, ao passo que “23/2/31” lê-se na vigésima sétima lauda; por fim, na sexagésima quarta lançou “18/5/31”. Mais datas não há. Antonio contava, então, 21 anos de idade.

O conjunto das folhas acha-se dentro de capas de caderno, destituídas de miolo e cuja terceira capa apresenta duas secções profundas, e outras três, superficiais, todas a estilete.

Ao longo das duas séries, há palavras riscadas com traços horizontais, malgrado os quais é possível a sua leitura. Corresponderam a variações no texto: uma vez redigido o vocábulo, Antonio Biscaia dele desistiu, em favor de alternativa na redação da frase.

Folha dobrada ao meio, verticalmente, anteposta ao conjunto de todas as laudas, contém dedicatória manuscrita na sua terceira face, datada de 28 de junho de 1931, dia em que Francisca Odette, sua futura mulher, perfazia dezenove anos de idade. Segundo

se conclui da dedicatória, tencionava Antonio, naquele dia, presenteá-la com o texto ultimado, ao invés de oferecer-lhe folhas “sem uma ligeira revisão, sem ao menos serem relidas” consoante nela declarou.

Na dedicatória, ele qualifica o seu texto de novela, ao mesmo tempo em que, na folha de número 13 do manuscrito, lê-se: “Pois bem, voltemos ao cenário da nossa novella”. Trata-se, portanto, de novela, que contém algum elemento auto-biográfico, ao menos em relação à atitude do personagem Dr. Machado, pai do protagonista; este, por sua vez, é identificado, de começo, pela inicial A. e, a seguir, por Luis.

A inicial “A.” sugere Antonio; a Odette correspondia o ortônimo da mulher de Antonio Biscaia, dupla nomenclatura que, por sua vez, indiciam alguma veracidade na narrativa.

Luis chamou-se o primogênito de Antonio Chalbaud Biscaia e Odette.

João dos Santos Biscaia, o moço, pai de Antonio Chalbaud Biscaia, rejeitou-lhe o casamento porque o avô paterno de Odette, Marcelino Francisco Castellano, nos primórdios da sua vida em Curitiba (italiano que era, de nascimento), esgotava fossas sépticas. João referia-se-lhe, despectivamente, por “o rei da bosta”⁷² e a Odette, por “princesa da bosta”.

⁷² Assim recorda Heitor Borges de Macedo no seu *Rememorando Curitiba* (Curitiba, 1983, p. 21): “Naquele tempo, em que não havia água e esgotos, as fossas eram “fossas perdidas”, como se encontram nos quintais dos arredores da Cidade, nas favelas e zonas rurais, onde ainda não se instalaram fossas assépticas.

De acordo com o progresso dos conhecimentos de higiene, em nossa casa tínhamos o que havia de mais moderno: fossa cimentada com capacidade em metros cúbicos de acordo com o número de pessoas da residência. Quando se esgotava a sua capacidade, era então chamado o Chico Castellano que chegava com a sua “traquitana”, desajeitado maquinário que ligava à fossa por meio de uma mangueira formada de pedaços que se prendiam uns aos outros, seguros por presilhas de metal.

A tal mangueira, que nós dizíamos cano, no interior da casa ficava sobre uma passadeira de sacos de estopa para proteger o assoalho dos vazamentos das junções, o que era comum, onde ainda punham areia para represar o líquido que extravazava. Lá fora, a máquina movimentava uma bomba que aspirava os dejetos para o carro tanque. Para “disfarçar” o mau cheiro, em uma vasilha de ferro queimavam alcatrão, piche, que fumegando fazia uma mistura de odores nada agradável”.

Francisco Castellano era imigrante italiano. De começo, marceneiro, fabricava caixas de relógios; foi colono na colônia do Assungui onde, em 1895, teve casa mercantil. Graças à sua empresa sanitária, enriqueceu o suficiente para adquirir três lotes na rua Monsenhor Celso, dos quais um na esquina com a rua Marechal Deodoro, uma herdade no bairro Alto da 15; um sesmo grande, na rua Emílio de Menezes, 450; a casa de número 412 da rua Barão do rio Branco (principal da cidade, por então) e certamente das mais valorizadas, porquanto muito propínqua do palácio do governo do Paraná. Era sobrado: no térreo habitavam o seu filho Domingos Castellano e os seus; no andar, habitavam Francisco Castellano, a sua mulher, Francisca Wionosky, e as filhas de ambos, Olga e Joconda. Apelidado de Chico Beleza e, coloquialmente, de Chico Bosta, foi, também vereador em Curitiba, cargo que desempenhava em 1897 (certamente no quadriênio de 1896 a 1900), que reassumiu em 21 de setembro de 1900, para mandato quadrienal, e que, novamente, desempenhava em 1926. Integrava a maçonaria, a Sociedade Garibaldi, a União Espírita (com sede em Curitiba), e o Clube Curitiba, este pelo menos em 1908 e 1910, e a que, nos mesmos anos, pertencia, também, João dos Santos Biscaia, o moço, pai de Antonio Biscaia. Em 1901 foi nomeado capitão da infantaria da Guarda Nacional. Embora imigrante e pobre, inseriu-se na sociedade local, integrou-se à vida política municipal, granjeou fortuna. Em 1932, já enriquecera

A animadversão de João dos Santos Biscaia por Odette deveu-se, talvez, não especificamente à atividade empresarial de Francisco Castellano ou não somente a ela, porém à natureza morganática que ele terá atribuído ao casamento de Antonio e Odette: João originava-se de famílias antigas, pelos quatro costados; o seu pai fora mesário da irmandade da Misericórdia e (por três vezes) vereador em Curitiba, condição em que integrara comissão que recebeu o imperador, na sua visita a Curitiba, em 1880; era capitão da guarda nacional; foi jurado várias vezes e fiscal da municipalidade; possuía várias casas no centro de Curitiba e fazendas. Militão José da Costa (tio de João dos Santos Biscaia, o moço; marido de Balbina Ribeiro da Costa, irmã de Maria José Ribeiro Baptista, mulher de João dos Santos Biscaia, o velho), fora secretário da instrução pública, em 1895, secretário interino da presidência da província do Paraná (em 1890), mesário da irmandade da Misericórdia. Bernardina Biscaia (irmã de João dos Santos Biscaia, o moço), desposara Manoel Gonçalves dos Santos, abastado comerciante de trato grosso, figura de proa na sociedade local; uma das suas filhas (do seu primeiro casamento), Francisca Gonçalves, desposou Sérgio Francisco de Sousa Castro, advogado, deputado provincial em várias legislaturas, no Paraná, inspetor de instrução pública no Paraná; outra, Francelina dos Santos Lopes, desposou Cândido Martins Lopes, fundador da gazeta Dezenove de Dezembro.

Por outro lado, Odette era filha de alfaiate da Polícia Militar (Domingos Castellano) e proveniente, pelos quatro costados, de imigrantes: Francisco Castellano migrara da Itália e a sua mulher, Francisca Wionosky, era polaca; pelo lado da sua mãe (Maria Teresa Brauser) era neta de Augusto Brauser, sapateiro e, depois, fabricante de chapéus de Sol, e de Rosa Inna Belau, do lar e pobre, filha de Cristiano Frederico Belau e de Dorotéia Guilhermina Feissel, ambos emigrantes da Prússia, em 1868. Cristiano fora charuteiro em Joinville e, em Curitiba, mantinha firma de conserto de chapéus de Sol e de guarda-chuvas.

Na altura do casamento de Antonio com Odette, Francisco Castellano elevava-se à abastança, condição que João dos Santos Biscaia jamais alcançou. A este, contudo, terá, possivelmente, desagradado, em Odette, a sua origem social, como neta e bisneta de emigrantes, de adventícios destituídos de presença e de prestígio na sociedade local, diferentemente da família do próprio João, nela enraizada há gerações e detentora de certa respeitabilidade, embora, em contrapartida, o próprio Francisco Castellano usufruísse de presença e de prestígio no meio curitibano. Para mais, a esposa de João (Josefina Maria Chalbaud y de la Escosura) pertencia à aristocracia espanhola,

Pai e filho desavieram-se e cessaram relações entre si, por iniciativa do segundo. Na novela, o herói e o seu genitor, Dr. Machado, malquistam-se, em cena algo dramática. Em que medida ela contém elementos ficcionais ou reproduz dados reais, é, hoje, impossível discernir.

Antonio consorciou-se malgrado a oposição de seu pai, que se absteve de comparecer-lhe à celebração civil e à cerimônia religiosa da boda; ele impediu que Josefina Maria Chalbaud Biscaia, mãe de Antonio, lhes comparecesse ou, ao menos, à segunda.

Reaproximaram-se, contudo, posteriormente, como o certifica missiva do pai ao filho, de 9 de outubro de 1932, em que lhe agradece, cordialmente, pela sua carta de 27 de setembro, de cumprimentos pelo seu natalício (em 23 de setembro). João pouco mais viveu, porquanto morreu em 19 de dezembro do mesmo ano.

Na novela, os personagens Odette e A. (Luis) consorciavam-se, malgrado a veemente oposição do pai do noivo, após haverem se conhecido na igreja do Imaculado Coração de Maria, onde o personagem A. observara a personagem Odette, particularidade alheia à verdade auto-biográfica de Antonio. De fato, ele e Francisca Odette conheceram-se na rua Barão do Rio Branco: defronte da residência de Odette⁷³ funcionava a então única escola de datilografia de Curitiba, mantida por Elisa de França Bittencourt. Enquanto Odette aguardava que seu avô Marcelino Francisco regressasse da rua 15 de novembro, após o almoço, quedou-se à janela, de onde observou Antonio dirigindo-se à aula. Assim se conheceram.

Uma vez consorciados, habitaram uma casa, situada nos fundos da residência de Lisímaco Ferreira da Costa, no bairro Alto da Glória, em Curitiba. É possível que a descrição do lar dos personagens da novela correspondesse à do próprio casal Antonio e Odette, ao menos parcialmente, porquanto três dos seus elementos existiam: o par de gravuras dos sagrados corações de Jesus e de Maria, e o desenho da Cascatinha.

IX- Ter uma bôa noiva... sem o saber!

com ascendência conhecida até inícios do século 16. João detinha antigüidade de origem e importância de família, e integrava rede de parentescos, traços de todo ausentes em Odette. Não lhe importara, a João, a riqueza relativa das famílias dos noivos, porém a discrepância social da sua própria (e, destarte, da do noivo) em comparação com a da noiva.

Ou então a conjectura que formulo é falsa e havia algum motivo pessoal de despreço, intenso, de João por Francisco. Este fora camarista e terá, porventura, contrariado interesses daquele; em 1908 e 1910 (e, certamente, antes e depois) ambos participavam da vida social do Clube Curitibano, o que terá, talvez, ensejado (fosse pelo que fosse) a malquerença de um pelo outro, máxime porque, segundo a tradição reporta, João era genioso, de que a sua atitude em face do casamento de Antonio constitui exemplo, porventura o mais dramático.

Instalada a ruptura entre João dos Santos Biscaia e o seu filho Antonio, o germano deste, João, interveio e reaproximou-os, consoante me transmitiu a viúva deste, Eleonora da Costa Biscaia.

A recusa de João dos Santos Biscaia quanto ao casamento de Antonio conservou-se oculto dos filhos do segundo, até que eu a revelasse, no volume anterior desta *Juvenília*, ao passo que tal se conhecia nas famílias de João e de Mário (irmãos de Antonio): Eleonora da Costa Biscaia narrou-me os fatos com naturalidade, cerca de 1985; Maria do Rocio Soffiatti Biscaia e Vera Maria Biscaia Leme (filhas de Mário Chalbaud Biscaia) conheciam-nos e confirmaram-nos, sem reticências. Por outro lado, Luis Castellano Biscaia (filho de Antonio e Odette) conheceu-os, cerca de 2013, por meu intermédio, bem assim Josefina Maria Castellano Biscaia (minha mãe), anos antes, pela mesma fonte. Francisca Odette Castellano Biscaia (minha avó), a quem interroguei vezes várias sobre os antigos da família, observou-me haver sido a única nora de João que este conheceu e mais não me disse – e, certamente, a ninguém, a propósito da quezília vivida pelos seus marido e sogro.

⁷³ Residia no número 412 da rua Barão do Rio Branco, em Curitiba, em sobrado de propriedade do seu avô Marcelino Francisco Castellano, que lhe habitava o primeiro andar, enquanto Odette habitava o térreo, com os seus pais e irmãos. Ela ali nasceu. Havia entradas autônomas para o térreo e para o andar.

Intitula-se *Ter uma bôa noiva... sem o saber!*, o “romance histórico”⁷⁴ que publicou em vinte e cinco partes, na revista *Ave Maria*, de São Paulo, em 1932 e em volume, no mesmo ano, em impressão no formato de 13 cm x 21cm, com 109 páginas de texto.

O país da narrativa, Espanha, e os nomes dos personagens coincidem, em termos, com a origem nacional e com alguns prenomes da própria família do autor, sem que o entrecho corresponda a sucessos que se houvessem verificado com esta. De fato, os seus avós maternos, Frederico Chalbaud y Pelletan e sua mulher Maria del Carmen de la Escosura y Alonso eram espanhóis, naturais de Madri (ao passo que o entrecho se desenvolve na Catalunha).

No romance há duas famílias: a de Encarnação, mãe de Assumpção; a de Josefina, mãe de João, o moço, e mulher de João, o velho (pai do anterior). Ora, os pais de Antonio Biscaia chamavam-se Josefina Maria de Ascensão Chalbaud Biscaia e João dos Santos Biscaia (o moço, filho de João dos Santos Biscaia, o velho).

Ter uma bôa noiva... sem o saber! constou no catálogo geral da livraria do Coração de Maria (que a revista *Ave Maria* publicava em cada número) de 1934⁷⁵ a 1944. Custava 1\$500 (mil e quinhentos réis); em consequência da alteração do padrão monetário, de réis para cruzeiros, em 1942, o preço passou a corresponder a Cr\$1,50 (um cruzeiro e cinquenta centavos).

X- Presença na revista *Ave Maria*.

A revista *Ave Maria* surgiu em 1898, na cidade de São Paulo, por iniciativa de leigos católicos⁷⁶; no ano seguinte, a responsabilidade editorial por ela (redação, editoração, divulgação e distribuição) transferiu-se para a Congregação dos Missionários Filhos do Coração de Maria, comumente designada por ordem dos claretianos, instituto católico fundado na Espanha, em 1849, por Antonio Maria Claret.

Hebdomadária de 1908 a 1937, *Ave Maria* apresentava, em média, dezesseis páginas por edição, em formato de 18 cm x 24 cm. Na sua primeira década de circulação, difundiu-se em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Ceará e Piauí. No seu vigésimo quinto ano de existência (1923), assinavam-na vinte e duas mil pessoas.

Destinava-se ao público em geral (não especialmente intelectualizado) e visava ao fortalecimento do catolicismo nas camadas médias e populares, como agente do integrismo da igreja católica.⁷⁷

⁷⁴ A locução lê-se na folha corrida de Antonio Biscaia, constante de folhas datilografadas, de autoria, presumo, sua própria, e que conservava consigo.

⁷⁵ O primeiro anúncio data, suponho, do mês de janeiro, pormenor que não logrei confirmar devido à ausência da data no número respectivo, que consultei, na Biblioteca Claretiano, em Curitiba: impresso no cabeçalho da revista, este foi cortado pelo encadernador que enfeixou, em volume, a série daquele ano.

⁷⁶ Tiburtino Mondim Pestana e Maria Junker Alves.

⁷⁷ O vocábulo integrismo originou-se de grupos ultramontanos, do século 19, que pretendiam *integrar* a religião católica na política, em animadversão ao laicismo. Trata-se de corrente que se bate porque a sociedade se reja pelo catolicismo institucional, inspire-se por fé intransigente e integral, hostil a modernizações doutrinárias ou dogmáticas. Segundo ele, a sociedade, a cultura e a política devem acatar o magistério eclesiástico; a terceira deve satisfazer às demandas católicas, com exclusão das fés concorrentes (outras religiões) e das doutrinas capazes de ameaçar a hegemonia cultural e religiosa da igreja católica (laicismo, Positivismo, socialismo, comunismo). Ele almeja a

A presença de Antonio Chalbaud Biscaia na revista *Ave Maria* constituiu-se de quatro⁷⁸ textos de autoria ou tradução duvidosamente suas; de vinte e nove traduções suas; de quatro artigos, seis contos, seis editoriais, de dois textos que redigiu como próprios ou que traduziu. Constituiu-se, ainda, de um agradecimento, de duas fotografias e de uma notícia. Ele não possuía nenhum exemplar da revista, mesmo dos em que colaborou.

Agradecimento e fotografias.

A revista *Ave Maria* mantinha a coluna “Favores do S. Coração de Maria”, em que os devotos agradeciam por favores, ou seja, intervenções sobrenaturais nos assuntos terrestres dos favorecidos.

Na coleção de 1926 (na página 877⁷⁹), lê-se: *Curitiba [...] sr. A. Chalbou agradece uma graça alcançada em favor de um seu amigo.*

No ano subsequente (na página 45), na mesma coluna dos “Favores”, publicou-se fotografia de Antonio Chalbaud Biscaia, de dimensões 3 x 4, ladeada pelo seu nome, novamente estropiado: “Sr. Antonio Chalbou Viscaia”. Ele figura de farda.

No mesmo ano de 1927 (na página 355), publicou-se notícia intitulada (em caixa alta) *PRIMEIRA PASCOA DOS INTELECTUAIS EM CURITIBA*, a que se segue o texto: *Como promissora semente, realizou-se a 13 do corrente [abril] na Catedral do Arcebispado a primeira Pascoa dos Homens de Estudo. Celebrou a S. Missa o Rmo. Padre Luiz Gonzaga Miele, lente de Filosofia do Gimnasio Paranaense, distribuindo a S. Comunhão aos srs. dr. Antonio de Paula, Juiz de Direito da Capital; dr. Waldomiro Teixeira de Freitas, lente da Faculdade de Engenharia; Rosario Farani Mansur Guerios, redactor-chefe da revista “A Cruzada”; Frederico Carlos Allende e Angelo Antonio Dallegrave da direcção da mesma revista; Alcides Pereira Junior, José Farani Mansur Guerios e Ernani de Almeida Abreu, acadêmicos de Direito; Liguaru Espirito Santo, engenheiro-agronomo; Ildefonso Clemente Puppi, academico de Engenharia; João Camargo, bacharel; Antonio Chalbaud Biscaia, escriptor; e Srta. Sara de Mattos Pessoa, professora normalista”.*⁸⁰

O adjetivo de escritor, imputado a Antonio Biscaia justifica-se à luz do quanto produzira até então: poesias (1925 e 1926), o conto *A perola do Oriente* (1925), o monólogo *O almofadinha* (1926). Haveria, porventura, mais.

A segunda fotografia consta na coleção de 1931 (na página 576), sobreposta à legenda: *Sr. ANTONIO CHALBAUD BISCAIA distincto collaborador desta pagina.*⁸¹

impregnar de catolicismo a sociedade e o Estado. Para esta definição e para o papel da revista *Ave Maria* no integrismo brasileiro, vide *As tentações integristas*, de Marcos Gonçalves, tese de doutoramento em História, UFPR, Curitiba, 2009, p.3, 35, 39.

⁷⁸ Quatro e não três, como, por erro, registrei no volume precedente.

⁷⁹ Na coleção da revista *Ave Maria*, disponível na Biblioteca Claretiana, de Curitiba, muitos fascículos, todos encadernados, foram cortados nas suas laterais pelo encadernador que, inadvertidamente, suprimiu-lhes os cabeçalhos, em que se continha a data de cada qual, e o número correspondente, motivo porque me limitei a identificar a página em que se me deparou esta informação e as seguintes, sem as haver logrado datar.

⁸⁰ Inexistem notícias acerca do acontecimento, nas gazetas de Curitiba, de então.

⁸¹ Na coleção de 1925 (na página 503) publicou-se uma das incontáveis nominálias de quantos concorreram para a subscrição destinada à construção, em Roma, da igreja do Coração de Jesus. Nela figura o nome da mãe de Antonio Chalbaud Biscaia, “D. Josephina Chalbaud”, que participou com dez mil réis (10\$000). Para mais de outros moradores de Curitiba, consta o nome do coronel João da Silva Sampaio, pai

Na nota biográfica, anônima, de Antonio Biscaia⁸², assim se lê:

“Como jornalista católico e escritor da Igreja, tem como ponto inicial de suas atividades uma longa série de contos e artigos publicados na conceituada revista de São Paulo “AVE MARIA”, na qual manteve a secção “DOUSTRINANDO COM EXEMPLOS”, onde firmou seu conceito de batalhador pelas grandes causas da Igreja e da Patria.

São de sua lavra diversos trabalhos esparsos e ineditos, tendo editado o romance “TER UMA BÔA NOIVA ... SEM O SABER”, uma tradução para o vernáculo, do original, do CATECISMO EXPLICADO, do BEATO ANTONIO MARIA CLARET, obra monumental que tem encontrado grande aceitação em todos os países cristãos.”

Na secção *Doutrinando com exemplos* há um único texto assinado por ele, publicado em 1941, e inúmeros anônimos, publicados em 1937 e 1938, anonimato em cuja razão deixei de inclui-los nesta recolha.

Textos duvidosos.

Antonio Chalbaud Biscaia colaborou com a revista *Ave Maria* (publicada na cidade de São Paulo) por meio da tradução de contos, bem assim da redação de alguns editoriais e de artigos esporádicos, de 1927 a 1941.

A primeira colaboração indubitavelmente da sua autoria consistiu na versão do conto de J. Beller, que traduziu com o título *O sudário*, publicado nas páginas 186 e 187, da coleção de 1928, com a nota *Traducção*, a que se lhe segue o nome, aliás, estropiado, *Antonio Chalbau de Biscaia*.

Desta por diante, as suas intervenções acham-se assinadas pelo seu nome completo, o que lhes torna inequívoca a autoria, diferentemente de um conto e de três traduções, a saber: *O molequinho convertido*, assinado por A.C.B. (1922); *S. José tutor-testamenteiro, conto de Fernan Caballero*, traduzido do original espanhol por A. M. B.(1927); *A morte de minha mãe*, traduzido do original espanhol por A. C. B. (igualmente em 1927) e *O sapatinho de ouro* (1931), tradução de A.C.B..

Destes quatro textos é incerta a autoria de Antonio Biscaia, como autor do primeiro e como tradutor dos outros três, porquanto na revista *Ave Maria* colaborou, de 1921 a ano posterior a 1930, o padre Ascânio da Cunha Brandão, de iniciais A. C. B., idênticas às de Antonio Chalbaud Biscaia. Em 1921, 1922 e 1923, há artigos doutrinários assinados com aquela sigla, cujos conteúdo e grau de sofisticação permite deduzir pertencerem a Ascânio Brandão e não a Antonio Biscaia.

Ascânio Brandão redigiu artigos doutrinários e não tradução de contos.

de Joaquim da Silva Sampaio, marido, por sua vez, de Maria del Carmen Rafaela Joana Paula Chalbaud Sampaio, irmã de Josefina. Na coleção de 1929 (na página 327), na seção “Nossos defuntos”, lê-se *Curityba, Cel. Julio Chalbau Biscaia, fervoroso cristão, muito amigo dos Missionarios do Coração de Maria e alma cheia de caridade para com os pobres e com todos os que soffriam*. Houve erro no nome: chamava-se Júlio Militão Biscaia; era irmão de João dos Santos Biscaia, o moço, por sua vez, genitor de Antonio Chalbaud Biscaia. Na coleção de 1934 (na página 135), na secção intitulada de “Beca Santa Therezinha”, em que se publicavam fotografias de pessoas, há uma do primogênito de Antonio Biscaia, a que se sotopôs a legenda *CURITYBA Legionario Luiz Castellano Biscaia*. Na coleção de 1936 (na página 105), introduziu-se outra, na mesma secção, de Luis Castellano Biscaia e seu irmão Rubens. Sotopôs-se à imagem a legenda *Filhos do Dr. A. BISCAIA*.

⁸² Trata-se de folhas datilografadas, a que me referi na nota 74.

Em 1922, Antonio Biscaia contava treze anos de idade e Ascânio Brandão vinte e um (nasceu em 1901). Dada a precocidade literária do primeiro, como contista e a sua preferência pelas traduções de contos, e a idade do segundo, é possível que o texto de 1922 pertencesse tanto a um quanto ao outro, dúvida que provavelmente desfazer-se-ia mediante consulta aos arquivos, imensos, de Antonio Chalbaud Biscaia, incinerados.

Verossimilmente, contudo, a autoria de *O molequinho convertido* pertence a Antonio Biscaia, visto que Ascânio Brandão se dedicou a artigos doutrinários e não a ficções; por outro lado, Antonio Biscaia, adolescente, produziu contos e, jovem, traduziu-os. Com isto, o conto em questão poderá haver constituído a primeira colaboração deste na revista *Ave Maria*.

É presumível haver Antonio Biscaia sido o tradutor dos contos de 1927 e do de 1931, presunção justificada: 1- pelas iniciais A. M. B. no primeiro caso (em que terá havido engano em relação à primeira consoante) e das iniciais A. C. B., no segundo e no terceiro; 2- porque se trata de versões de contos, do espanhol: Antonio Chalbaud Biscaia colaborou, de 1928 por diante, com a tradução de contos, daquele idioma para o vernáculo; 3- pela autoria, de Ascânio Brandão, de artigos doutrinários e não ficcionais.⁸³

Novamente, trata-se de dúvida que se poderia, possivelmente, resolver mediante a consulta dos arquivos de Antonio Biscaia, se eles ainda existissem⁸⁴.

Autores.

Dos contos que Antonio Chalbaud Biscaia traduziu, dez contêm a identificação do respectivo autor. Ei-los: Fernan Caballero, J. Beller, Pedro Amay, G. Requejo Velarde, Concepción Hernandez de Roca, Manoel Sancho, Eduardo Posada, Curro Vargas, Concha Espina e Luis Coloma.

Outros dois autores, a saber, José Afonso de Ariño e Juanita Mir não se encontram nominados nas traduções, porém identifiquei-os mercê dos textos originais deles, publicados na revista *Iris de Paz* (respectivamente *Resignación* e *El milagro*).

Eis o rol dos textos que Antonio Biscaia traduziu, acompanhados da identificação do respectivo autor, quando é o caso, pela forma como a revista *Ave Maria* o fez e pela sua ordem de publicação:

S. José tutor-testamenteiro. Conto de Fernán Caballero.

A morte de minha mãe. Sem identificação de autor.

O sudário. Conto de J. Beller.

O grande concurso celestial. Conto de Pedro Amay.

O Christo de marfim. Sem identificação de autor.

Não é invenção... Sem identificação de autor.

A ultima palhaçada. Conto de G. Requejo Velarde.

O pedido de Rosita. Conto de Concepción Hernandez de Roca.

Os tres ladrões. Sem identificação de autor.

Uma audiencia de S. M. o rei dos infernos. Conto de Fr. M. Sancho.

⁸³ No livro que intitulou *Variações do "Meu Cantinho"* (terceira edição em 1951), Ascânio Brandão coligiu parte dos seus artigos, todos de opinião e de doutrina; nenhum conto.

⁸⁴ A menos que surja, em mãos de algum dos seus filhos ou netos, alguma folha, conservada por amostra e que contenha, com indicação de autoria, os textos em causa.

O baptisado do marquesinho. Sem identificação de autor.
O preço de um copo d'água. Sem identificação de autor.
A honradez recompensada. Sem identificação de autor.
São Francisco de Assis e o "wali" de Jerusalem. Sem identificação de autor.
Por Deus e pela raça! Sem identificação de autor.
O assombro da Sicília. Conto de Eduardo Posadas.
O teatro da vida. Conto de Curro Vargas.
O testemunho de Santa Thereza. Sem identificação de autor.
A féra do rosal. Conto de Concha Espina.
O sonho do vigário. Sem identificação de autor.
Um homenzinho de treze annos... Sem identificação de autor.
O milagre. Sem identificação de autor.
O sapatinho de ouro. Sem identificação de autor nem de que se trata de tradução.
A martyr. Sem identificação de autor.
Resignação. Tradução, sem informação de que o é.
Isto não é NADA... Sem identificação de autor.
Caminha direito e chegarás ao céu. Sem identificação de autor.
A menina presenteada. Sem identificação de autor.
O almoço do menino Jesus. Sem identificação de autor.
A advogada dos peccadores. Conto de P. Coloma.

Dos doze autores, obtive notícias biográficas de seis:

Fernán Caballero correspondeu ao pseudônimo masculino de Cecília Böhl de Faber, que empregou, também, o de Leão de Lara. Natural da Suíça, onde nasceu em 1796, era filha do cônsul de Hamburgo em Cádiz, onde ele matrimoniou-se e, posteriormente, a própria Cecília, com um espanhol, o primeiro dos seus três maridos, que de todos enviuvou. Conhecia, no original, as literaturas dos idiomas francês, inglês, alemão e italiano. Por vários anos colaborou em periódicos de Sevilha, como *La Bética*, *La España Literaria*, *Revista de Ciencias, Literatura y Artes*; *La Verdad Católica*, *El Ateneo*, *El Gran Mundo*. Primou nas novelas de costumes, de parca ação e em que preponderam o realismo de caracteres das personagens e as cenas de família, gênero de que é reputada criadora, notadamente em relação aos costumes da Andaluzia. Os seus textos contêm elementos de inculcação religiosa e de moralização; deles tiraram-se inúmeras edições, na Espanha e alhures. Redigiu as novelas *La gaviota*, *Cuadros de costumbres y relaciones populares*; *Clemencia*; *La familia de Alvareda*; *Callar em vida y perdonar em muerte*; *Lagrimas*; *La estrella de Vandalia*; *Obrar bien que Dios es Dios*; *Una madre*; *El exvoto*; *Vulgaridad y nobleza*; *Cuentos y poesias populares*; *La mitologia contada a los niños*, *o historia de los grandes hombres de la Grecia*, para mais de outras. Como articulista, colaborou em folhas de Sevilha, Granada, Valência, Alicante, Barcelona e Madri. Morreu em Sevilha, em 1877.⁸⁵

Antonio Chalbaud Biscaia possivelmente traduziu, de Fernan Caballero, *S. José, tutor-testamenteiro* (identificou-se o tradutor pelas letras A.M.B., em que a intermediária M figura, provavelmente, por equívoco, em lugar da consoante C).

⁸⁵ *Enciclopedia Universal Ilustrada*, v. 23, Barcelona, 1924.

G. Requejo Velarde pertencia a família cristianíssima e fidalga de Madri. Estudou Direito em Oviedo e Filosofia e Letras em Madri; dirigiu *La Lectura Dominical* e *La Revista social y agraria*. Periodista ameno, produziu a recolha de contos intitulada *Horario de amor* e a novela *La madre del Cardenal Cisneros*, assaz enaltecida pelo cardeal Juan Mella.⁸⁶

Antonio Chalbaud Biscaia traduziu, da autoria de Requejo Velarde, o conto *La ultima payasada*, que se publicou, no original, na revista *El Iris de Paz*, em 1924 (página 23 da capa) e, traduzido, na revista *Ave Maria*, em 1928 (página 630).

Manoel Sancho foi religioso mercedário, natural de Aragão, onde nasceu em 1875. Cultivou, com méritos, a história, a novela, o conto e o teatro de bons costumes. Publicou *Pascualico o El trovero de las Bochas*, novela de costumes aragoneses (1906); *Cuentos y fantasias* (1910); *Recreos estudiantiles* (diálogos, peças, monólogos), *Lluvia menuda* (diálogos, contos e al); *Cuadros de costumbres baturras* (que, em 1925, achava-se em preparação, em dois tomos); as peças teatrais *La mania* (1912), *Las mentirosillas* (1912), *La envidiosa*, *Elecciones* (1912), *Los reclutas*. Redigiu um *Catecismo de los niños*, em dez volumezinhos, e *Ejercicios espirituales para niños*.⁸⁷

Antonio Chalbaud Biscaia traduziu, da autoria de Manoel Sancho, o conto que publicou, na revista *Ave Maria*, em 1928, sob o título de *Uma audiência de S. M. o rei dos infernos*.

Concha Espina de la Serna nasceu em Santander, em 1879. Infante, redigiu poemas que se publicaram na folha *El Atlántico*. Radicada no Chile, colaborou com *El Correo Español*, de Buenos Aires, bem assim com outros periódicos de Madri e da restante Espanha. Publicou a recolha poética intitulada *Mis flores* (1904); *Trozos de vida* (1907; coleção de contos e de artigos); as novelas *La niña de Luzmela* (1909), *Despertar para morir* (1910), *Agua de nieve* (1911), *La esfinge maragata*, *La rosa de los vientos* (1916), *Al amor de las estrellas* (1916), *Ruecas de marfil* (1917), *Pastorelas*, *El metal de los muertos*, *Dulce nombre*, *Cuentos y Simientes*, *El jayón* (dramaturgia). Muitas de suas produções obtiveram reedições e traduções para o francês, o inglês, o italiano, o alemão e o boêmio.⁸⁸

Antonio Chalbaud Biscaia traduziu, de Concha Espina, o conto que publicou, na revista *Ave Maria*, sob o título *A fera do rosal*, em 1930 e, em 1932, *A menina presenteada*, cujo título original corresponde a *La niña regalada* e que se publicou, no original, na revista *El Iris de Paz*, em 1924 (na página 37 da capa).

José Alonso de Ariño, padre claretiano, em 1931 lecionava, em Segóvia, no curso teológico nominado de “studia gymnasialia maiora”. Em 1934 colaborou, como autor de contos, na revista *El Sueco*, semanário pugnador pelos interesses da cidade de Sueca, na província de Valência (Espanha). Publicou, na revista *Iris de Paz*, número 1512, de 20 de junho de 1926, o conto intitulado *Resignación*.

Antonio Chalbaud Biscaia traduziu, da autoria de José Alonso de Ariño, o conto *Resignación*, que publicou na revista *Ave Maria*, sob o título de *Resignação*, em 1931.

⁸⁶ *El Iris de Paz*, 1924, p. 254, Madri.

⁸⁷ *Enciclopedia Universal Ilustrada*, v. 53, Bilbao, 1926. *El Iris de Paz*, 1925, Madri.

⁸⁸ *Enciclopedia Universal Ilustrada*, v. 22, Barcelona, 1924. *El Iris de Paz*, 1924, página 493.

Luis Coloma Roldán nasceu em Jerez de la Frontera, em 1851, e morreu em 1915. Cursou Direito em Sevilha; entabulou expressiva amizade com Cecília de Faber (de pseudônimo Fernan Caballero); militou pró-restauração monárquica na Espanha. Filiou-se à Companhia de Jesus em 1874; dez anos depois, estreou como colaborador do periódico de Bilbao *El mensajero del corazón de Jesus*. Redigiu quadros de costumes e ensaios de novelas, que reuniu em *Lecturas recreativas*, bem como novelas breves. Celebrizou-se em 1891, com a novela *Pequeñeces* que, na altura, tornou-se assunto recorrente na imprensa, nos círculos literários, nos cafés, nas tertúlias, porque os leitores a entendessem como crítica da aristocracia em geral e de certos indivíduos em especial. Redatou, também, as novelas *Retratos de antaño*, *La reina martir*, *Jeromin y Fray Francisco*. Várias das suas produções foram vertidas para diversos idiomas.

Luis Coloma foi admitido na Real Academia Espanhola em 1908.⁸⁹

Antonio Chalbaud Biscaia traduziu, de Luis Coloma Roldán, o conto que, traduzido, publicou na revista *Ave Maria*, em 1938, sob o título *A advogada dos pecadores*.

Iris de Paz.

A revista *Iris de Paz* publicava-se em Madri, com capa e miolo dotados de numerações autônomas: às capas atribuiu-se uma numeração e aos miolos, outra, o que permitia reunir as primeiras separadamente dos segundos. Reunidas em linha, as capas apresentavam numeração em seqüência; reunidos em linha, os miolos compreendiam outra numeração em seqüência. As capas continham a *Sección literaria*: nelas Antonio Chalbaud Biscaia encontrou os originais de alguns contos que traduziu (conforme minudenciarei adiante).

A Biblioteca Claretiana (em Curitiba) conserva larga coleção, em tomos encadernados, ano por ano, de miolos, sem as capas, ou seja, destituídos dos textos de que Antonio Biscaia traduziu.⁹⁰ Por outro lado, ele possuía, em sua residência (na rua Lamenha Lins, 213, em Curitiba), um volume encadernado, de capas, relativas aos números de 1926, em que há três textos originais, que traduziu⁹¹.

XI- Traduções.

Antonio Chalbaud Biscaia traduziu dois livros, ambos do espanhol: *Catecismo Explicado* e *Balsamo eficaz para curar e preservar das feridas contra a castidade*, ambos de Antonio Maria Claret, santo da Igreja Católica.

A segunda tradução foi publicada em São Paulo, em 1936, sem indicação de editora, porém com a informação “Officinas graphicas da “**Ave Maria**” – São Paulo”.

⁸⁹ *Enciclopedia Universal Ilustrada*, v. 14, Barcelona, sem data.

⁹⁰ No final dos tomos da Biblioteca Claretiana, há índice em que constam os títulos originais dos contos e o número das páginas das capas em que foram estampados.

⁹¹ Tal volume contém os números 1488 (de 3 de janeiro de 1926) a 1539 (de 26 de dezembro de 1926), à exceção dos números 1490, 1491, 1523 e 1528.

Trata-se de opúsculo, de formato *in-32* e sessenta e quatro páginas, a contar da folha de rosto, com *Preâmbulo* da autoria de Antonio Biscaia e *Advertencia* assinada por *O amante da Juventude*.

Ocupa-se de condenar a masturbação masculina, de denunciar-lhe a perversidade moral, a nocividade física e de desestimulá-la.⁹²

Eis o preâmbulo que lhe redigiu Antonio Biscaia:

Encetando a tradução de mais ésta obra do Beato Antonio Maria Clarét, a segunda que temos a satisfação de levar a bom termo, outro fito não temos sinão o de cooperar para a divulgação dos trabalhos do santo e veneravel Arcebispo de Cuba, grande amigo e batalhador da Bôa Imprensa e emérito Médico de Almas, hoje já elevado às honras dos altares, graças aos esforços de seus dedicados filhos, os Missionarios do Imaculado Coração de Maria.

Com a divulgação das obras do Beato Clarét entre nós almejamos que tenham élas, e com especialidade a presente, acolhida calorósa e entusiasta, pois que na proporção de sua divulgação serão os benefícios que causarão, serão as feridas medicadas e fechadas por êsse verdadeiro “BALSAMO EFICAZ”.

Que Maria Santissima, pelo Seu Imaculado Coração- a grande e especial devoção do Beato Clarét – abençõe o nósso modésto esforço, a nósso humilde tarefa, é o nosso maior e mais ardente desejo.

Ao traduzirmos com vocabulos da lingua portugêsa os pensamentos, maximas e ensinamentos do Fundador da Congregação Córdi-Mariana, não tivémos maior preocupação do que a de sermos fiéis á letra e ao espirito do têxto original. Procurámos, tanto quanto o permitem as duas linguas irmãs, fazer uma tradução quasi que literal. Isso, si bem que tenha evitado possiveis deturpações dos pensamentos e conceitos do Beato Clarét, não deixou de causar algum sacrificio à beleza da fôrma e á concisão e correção da linguagem. Éssas e outras, possivelmente mui maióres falhas, esperamos⁹³ toleradas pelos que nos lerem.

AD MAJOREM DEI GLORIAM!

ANTONIO CHALBAUD BISCAIA

Na revista *Ave Maria* publicou-se (de 1935 a 1947) em cada número, uma página de catálogo dos livros vendidos pela livraria do Coração de Maria. Informava-se, em algarismos, o preço, a que se seguiam os títulos dos livros, em coluna, um por linha, desacompanhados do nome do respectivo autor. Hierarquizavam-se os preços em ordem crescente.

O primeiro anúncio da tradução do *Catecismo Explicado* figura em abril de 1934; vendia-se por 10\$000 (dez mil réis). Data do ano de 1943 o derradeiro anúncio dele.

Houve dois tipos de anúncio do *Catecismo*: por menção do seu título, no catálogo geral, e por texto específico, inserido na página de anúncios e em que se lia:

⁹² São juízos de Antonio Claret e não de Arthur de Lacerda.

⁹³ Subentende-se o verbo ser (“esperamos serão toleradas”).

CATECISMO EXPLICADO
pelo BEATO ANTONIO MARIA CLARET

Acaba de ser editado nesta Casa o incomparavel CATECISMO EXPLICADO DO BTO. ANTONIO MARIA CLARET, com 46 lindas estampas catecheticas, desenhadas pelo mesmo Autor, e com 400 paginas de leitura. - Livro utilissimo para toda classe de pessoas e em particular para quem se dedica a ensinal-o a outros.

PREÇO: encadernado, 10\$000; para mais de 10 exemplares, 20% de abatimento.

PEDIDOS: Administração da “Ave Maria” – Caixa Postal, 615 – São Paulo

Balsamo eficaz foi anunciado a partir de 1940 (malgrado houvesse sido publicado em 1936) a 1944. Custava 1\$000 (mil réis), preço que se encareceu, no próprio ano de 1940, para 1\$500 (mil e quinhentos réis).

Em 1937 publicou-se, em mais de um número da revista *Ave Maria*, uma secção de anúncio dos livros de Antonio Maria Claret ou com ele relacionados; nela consta o *Catecismo Explicado*, porém não *Balsamo Eficaz*. Houve, possivelmente, desatenção do responsável pela elaboração desta secção e do catálogo geral da livraria do Coração de Maria, que ocasionou a tardia inclusão, neste, do título *Balsamo Eficaz*.

Com a alteração do padrão monetário, de réis para cruzeiros, em 1942, o preço de *Balsamo* passou a corresponder a Cr\$1,50 (um cruzeiro e cinquenta centavos); o do *Catecismo* converteu-se em Cr\$12,00 (doze cruzeiros).

Antonio Chalbaud Biscaia adquiriu um exemplar do *Catecismo* em 3 de julho de 1934; ao menos, lançou dispêndio de dez mil réis no seu livro de gastos pessoais, na rubrica “Catecismo Explicado”. Na sua residência (na rua Lamenha Lins) inexistia exemplar do *Catecismo*, que os seus filhos não possuíam e de que não conservaram memória.⁹⁴

XII - Apêndice.

Cartas e bilhete.

Duas folhas de 16,5 cm por 25,5 cm, dobradas a meio, no sentido vertical e manuscritas nos quatro aversos das oito páginas que as dobraduras formaram, contêm carta de Antonio a Francisca Odette Castellano, datada de São Paulo, 8 de setembro de 1928.

Outras quatro folhas de dimensões coincidentes com as anteriores, dobradas e manuscritas nas mesmas condições que elas, contêm outro favor, para igual destinatária, datada de São Paulo, 14 de setembro de 1928. Ela se conservava em sobrescrito (nas dimensões de 13,5 cm por 9 cm e forrado de papel colorido), em que Antonio escreveu:

⁹⁴ Segundo Francisca Odette Castellano Biscaia, ao regressarem ela e Antonio, para Curitiba (de mudança, de Palmeira), olvidou-se ela, no trem que os conduziu, de um pacote, que perdeu. Conteria ele o exemplar de Antonio Chalbaud Biscaia, de *Catecismo Explicado*? Ou o ele extraviou-se em mudanças outras (na para a casa do Alto da Glória ou para a da rua Dr. Pedrosa ou para a da rua Lamenha Lins)? Ou ele o emprestou e o beneficiário do empréstimo negligenciou restituir-lho? São perguntas sem resposta.

A` gentil
Senhorita Odette Castellano
Rua Barão do Rio Branco, no. 412
Curityba

Não há selo na sobrecarta, pelo que infiro haja sido entregue por meio de portador.

Antonio participava, na cidade de São Paulo, do Congresso da Mocidade Católica, reunido, lá, em 9 e 10 de setembro de 1928.

Papelinho de 16 cm por 11,5 cm contém linhas manuscritas por Antonio e por ele datadas de 13 de junho de 1930: com elas inaugurou uma caneta e dedicou-as a Francisca Odette Castellano, sua noiva.

Sumário de Juvenília de Antonio Chalbaud Biscaia, vol. 2.

<i>Prólogo</i>	
<i>Prefácio dos dois volumes</i>	
<i>1) Notícia biográfica</i>	
<i>Folhetos jurídicos</i>	
<i>Veia literária</i>	
<i>I- Contos</i>	
<i>II-Composições</i>	
<i>III-Poesias</i>	
<i>IV-Conto</i>	
<i>V-Confidencias</i>	
<i>VI-Teatro</i>	
<i>VII-Mãe!</i>	
<i>VIII-A novela de 1931</i>	
<i>IX-Ter uma bôa noiva... sem o saber!</i>	
<i>X-Presença na revista Ave Maria</i>	
<i>Agradecimento e fotografias</i>	
<i>Textos duvidosos</i>	
<i>Autores</i>	
<i>Iris de Paz</i>	
<i>XI-Traduções</i>	
<i>XII-Apêndice</i>	
<i>Fotografias</i>	
<i>2) Transcrições</i>	
<i>Poesias</i>	
<i>Soneto</i>	
<i>Rimas soltas</i>	
<i>Rimas soltas II</i>	
<i>Soneto</i>	

	<i>Mãos de chrystal</i>
	<i>O poema do meu amor</i>
	<i>Recordação de maio</i>
	<i>Mãe!</i>
	<i>Odette, minha meiga bem amada</i>
	<i>O grito de uma alma</i>
	<i>Cinzas</i>
Conto.	<i>A perola do Oriente</i>
Teatro	
	<i>O almofadinha</i>
	<i>Um “Don Juan” desventurado</i>
	<i>Odette (A perola do Oriente)</i>
Apêndice	
	<i>Cartas</i>
	<i>Bilhete</i>
Chalbaud	
I-	<i>Novos achados.</i>
II-	<i>Síntese do memorial de Néelson Chalbaud Lange.</i>
III-	<i>A árvore de Guillermo Quintero.</i>
IV-	<i>A informação de Ezio Mora.</i>
V-	<i>Conclusões.</i>
VI-	<i>Documentação.</i>
VII-	<i>Imagens.</i>
VIII-	<i>Filiação de Esprit Etienne Chalbaud Cardona.</i>
IX-	<i>Transcrição do memorial de Néelson Chalbaud Lange.</i>
X-	<i>Frederico Chalbaud y Pelletan.</i>
XI-	<i>Algum noticiário.</i>
XII-	<i>Nomes de Macrina Alonso e de Frederico Chalbaud y Pelletan.</i>
XIII-	<i>Retrato de Esprit Chalbaud.</i>
XIV-	<i>Retrato de Maria Agueda Chalbaud.</i>